



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

EDUARDO PEDRO DE OLIVEIRA

A CHEGADA DO ADVENTISMO EM ALAGOAS

MACEIÓ

2018

EDUARDO PEDRO DE OLIVEIRA

A CHEGADA DO ADVENTISMO EM ALAGOAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura em
História.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Clara Suassuna
Fernandes

Maceió
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

O48c Oliveira, Eduardo Pedro de
A chegada do adventismo em Alagoas / Eduardo Pedro de Oliveira. – 2018.
60 f. : il.

Orientadora: Clara Suassuna Fernandes
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió,
2018.

Bibliografia: f. 41-42.
Anexos: f. 43-60.

1. Protestantismo. 2. Igreja Adventista do Sétimo Dia – Alagoas – História.
3. Millerismo (Movimento religioso). 4. Adventistas. I. Título.

CDU: 286.3(813.5)(091)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

ATA DE REGISTRO DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) À BANCA EXAMINADORA DO CURSO DE HISTÓRIA

Aos 25 dias do mês de outubro de 2018, foi instalada a Banca Examinadora do trabalho de conclusão de curso (TCC) de História do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), às 14, na sala 107 desta IES, a que se submeteu o(a) graduando(a) Edeardo Pedro de Oliveira do curso de Licenciatura em História tendo como título o trabalho: A chegada do Adventismo em Alagoas

como requisito para integralização curricular e obtenção do Diploma de Graduação após a Colação de Grau, tendo como Banca Examinadora os(as) professores (as): Presidente(a)-Orientador(a) Clara Passana Fernandes (UFAL), 2º membro Joel Roberto Gomes da Silva, e 3º membro Joel Roberto Santos Lima referendado pelo colegiado do curso de Bacharelado em História. Analisando a apresentação do trabalho pelos membros da banca examinador, foi atribuída a nota 9,0 o que resultou na APROVAÇÃO do trabalho. E, para contar, eu, presidente da banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim e pelos membros da Banca Examinadora. Maceió/Alagoas, 29/10/2018

1º Membro: Presidente(a) Orientador(a):

2º Membro:

3º Membro:

Clara Passana Fernandes
Joel Roberto Gomes da Silva
Joel Roberto Santos Lima

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente ao Senhor Deus, Soberano do Universo, e Deus Criador e doador de toda a vida pela oportunidade e o discernimento de estar realizando esse trabalho, que resultou não só no meu crescimento científico, mas também pessoal;

Aos meus queridos pais Erimaro Pedro de Oliveira e Eliane Maria da Silva Oliveira, que me deram a vida, foram meus primeiros e maiores professores, ensinando tudo o que é necessário no desenvolvimento dos primeiros passos como homem, fazendo tudo quanto possível para prover todos os recursos necessários a manutenção da vida. Sou extremamente grato a eles por tudo, afinal, tudo que sou e o que conquistei devo primeiro a eles.

A minha querida e amada noiva Joanna Angelica Queiroz de Sousa que me vem estando ao meu lado nos últimos anos, compartilhando os momentos mais marcantes de minha vida, que me auxiliou nos momentos difíceis, doando tempo e atenção em todas as audições do meu tcc, contribuindo com críticas e sugestões, bem como todas as correções deste trabalho. Obrigado por sua paciência e compreensão em relação as minhas ausências.

Ao meu querido sogro por suas contribuições e orientações em todos os momentos deste trabalho em especial por sua correção ortográfica, e contribuições para o melhor desenvolvimento desse projeto.

Aos preciosos líderes e amigos, Pastores Marcos Militão e Lucas Cainã, pelos conselhos, orientações e incentivos, bem como pelas fontes primárias, tão necessárias para o desenvolvimento desse projeto.

A estimada professora Clara Suassuna Fernandes, agradeço pela orientação nesse trabalho, pela competência, pela confiança e pela oportunidade de realizá-lo. Enfim, por ser mais do que orientadora, ser uma amiga, apoiando no que foi possível. A ela devo minha gratidão;

A todos os professores do curso de História da UFAL/ campus A.C. Simões que por meio das atividades didáticas nas disciplinas cursadas, contribuíram para o resultado deste trabalho;

E a todos que contribuíram de alguma forma para o bom andamento deste trabalho. Meus sinceros Agradecimentos!

“Ao recapitular a nossa história passada, havendo revisado cada passo de progresso até ao nosso nível atual, posso dizer: Louvado seja Deus! Ao ver o que Deus tem realizado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.”

Ellen White, Testimonies, Life Sketches, 1915.

RESUMO

O presente trabalho busca por meio de uma revisão bibliográfica construir um relato acerca do estabelecimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Estado de Alagoas durante o início do século XX. Este movimento religioso cristão surgiu nos Estados Unidos da América, de maneira oficial no ano de 1863, sendo importante e com grande número de adeptos, que se diferencia dos demais grupos cristãos, no seu bojo de crenças doutrinárias, dentre elas a crença no sábado e o santuário celeste. Este trabalho buscou destacar a origem desse movimento, seu desenvolvimento enquanto grupo religioso proselitista, sua expansão e chegada à América do Sul, com destaque para o Brasil e conseqüentemente o território de Alagoas no ano de 1908 através da chegada do primeiro pastor da denominação no Estado. A implementação do primeiro grupo, os primeiros batismos e o estabelecimento da primeira congregação, assim como os conflitos enfrentados pelo grupo no início de todo o movimento em terras alagoanas.

Palavras chave: Protestantismo. Millerismo. Evangelismo. Alagoas. Pioneirismo. Adventismo.

ABSTRACT

This paper tries to build a report about the establishment of the Seventh-Day Adventist Church in the State of Alagoas during the 20th century through a literature review. This Christian religious movement came up in the United States of America, in an official manner in the year 1863, being significant and having a lot of members, which differentiates from other Christian groups on its doctrinal beliefs, amongst them: believing on the Sabbath and Celestial Sanctuary. This research wanted to tell the origin of the movement, its development while a proselytizer religious group, its expansion and arrival in South America, focusing on Brazil and consequently in the Alagoas territory in 1908 through the coming of the first pastor of the churches nomination. The installation of the first groups, first the baptisms, and the establishment of the first Congregation, just like the first conflicts faced by the group in the beginning of the operation in alagoanas lands.

Keywords: Protestantism. Millerism. Evangelism. Alagoas. Pioneering. Adventism.

LISTA DE ABREVIATURAS

IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
PUC	Pontifícia Universidade Católica
Pr.	Pastor
REVER	Revista de Estudos da Religião da Puc-São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	IGREJA ADVENTISTA VISÃO GERAL.....	12
2.1	Surgimento da Igreja Adventista nos Estados Unidos da América.....	13
2.2	A Mensagem Adventista no Brasil.....	17
2.3	Brasil, um país cristão por essência.....	22
3	PRESENÇA ADVENTISTA EM MACEIÓ.....	27
3.1	A revista.....	28
3.2	Organização e Processo.....	29
3.3	Estrutura Administrativa da IASD.....	30
3.4	O Missionário.....	31
3.5	Conflitos internos e externos.....	32
3.6	Maceió: análise histórica a partir da implantação do Movimento Adventista em Alagoas.....	34
4	CONCLUSÃO.....	39
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXOS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de construir uma análise histórica acerca do estabelecimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no estado de Alagoas durante a primeira década do século XX, de 1908 a 1915. Para isto, através de uma revisão bibliográfica buscou-se entender a origem da igreja, seu papel para a sociedade alagoana e os primeiros anos dessa instalação. A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma instituição religiosa cristã, tendo sua origem em 1863 nos Estados Unidos da América, logo após um período de grande reavivamento espiritual americano nos séculos XVIII e XIX. Ela foi a maior herdeira do movimento Millerita e surgiu como a grande detentora do espírito doutrinário estabelecido por este movimento multirreligioso em solo americano.

O movimento Millerita foi criado por Guilherme Miller, pregador batista, no início do século XIX, tendo como objetivo principal a pregação da volta de Jesus. O pregador arrebanhou centenas de pessoas nos Estados Unidos com a mensagem de destruição do planeta terra por ocasião da volta de Jesus em 22 de outubro de 1844 (fato que não ocorreu), causando uma dissipação do grupo de adeptos, grupo este composto por pessoas simples de origem rural que viam no retorno de Cristo a esperança do fim de uma vida de sofrimentos. Com o fim do movimento, um pequeno grupo de remanescentes passou a se organizar como um novo grupo religioso, que tinha como base as crenças estabelecidas no movimento Millerita; entre elas, a crença no estudo da Bíblia, na volta de Jesus, na imortalidade da alma humana e no santuário celestial.

A Igreja Adventista começou sua expansão mundial a partir de 1874, com o envio do primeiro missionário para fora dos Estados Unidos. O local escolhido para o início da obra de missões mundiais foi a Europa, sendo a Suíça o primeiro país. Após a chegada à Europa, missionários foram enviados para a Oceania e no final do século XIX tivemos a chegada do primeiro pastor adventista à América do Sul, primeiro na Argentina e depois no Brasil. Depois dos primeiros contatos e conversões na Argentina, o pastor Alberto B. Stauffer, alemão que se convertera ao adventismo ao emigrar para os Estados Unidos durante as grandes ondas migratórias do século XIX, foi enviado para desenvolver o trabalho evangelístico na região da América do Sul. Ele ficou responsável pelas organizações das primeiras congregações dessa parte do globo e pelos primeiros batismos ao ter conhecimento que um grupo de pessoas guardava o sábado no Brasil, que esperava apenas o batismo para ingressar na IASD. Veio para o nosso país com o intuito de batizar e organizar uma nova congregação que se tornou a pioneira. Stauffer organizou em 1896 a primeira Igreja

Adventista no Brasil na região de Gaspar Alto, no estado de Santa Catarina.

A partir daí o movimento adventista no Brasil passa a crescer e a ganhar força pela região sul e sudeste do país, com o destaque para o estabelecimento das primeiras congregações no Rio de Janeiro, e é de lá que parte o primeiro converso da mensagem adventista que viria a se batizar em Alagoas, o icônico enfermeiro da Marinha do Brasil, conhecido apenas como Costa. Também segue para Alagoas o primeiro pastor, Weber Spies. O Rio de Janeiro vai, então, manter um relacionamento e uma ligação inicial com a implantação da IASD em Alagoas.

A mensagem adventista chega a Alagoas, como foi dito, através do irmão Costa, enfermeiro da Marinha do Brasil que vem servir em Maceió em 1908, auge do governo de Euclides Malta, tradicional político alagoano advindo da proeminente oligarquia Malta. Euclides fazia um governo austero marcado por uma forte oposição política liderada por Fernandes Lima, o qual acusava o governo de promover a tolerância aos cultos de raízes afros e de ser patrocinador e frequentador de terreiros de candomblé. Essa situação ensejou a organização de uma milícia, composta por católicos tradicionais, chamada de *Liga dos Republicanos Combatentes*. A crise avolumou-se com a renúncia de Euclides Malta em 29 de janeiro de 1912, fazendo o governo cair nas mãos de Fernandes Lima, responsável por consentir com o maior ato de intolerância religiosa da história nacional, o *Quebra de Xangô* em 1912: ação de destruição dos terreiros, quebra de todos objetos de culto, sem esquecer a forte opressão e perseguição sofrida pelos pais e mães de santo vítimas de discriminação e violência física. Destaque para Tia Marcelina, morta, em consequência das fortes pancadas que levou dos membros da Liga. É nesse clima de intolerância por parte dos católicos alagoanos que surge a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A intolerância católica não apenas recai sobre os cultos de matrizes afros, também com os poucos grupos protestantes que se instalam em Alagoas na virada do século XIX para o XX. Entre eles destacamos os Batistas que chegaram a Maceió em 1885, os Adventistas em 1908 e a Assembleia de Deus em 1915. É com esse pano de fundo que foi desenvolvida a construção histórica acerca da instalação da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Alagoas.

No primeiro capítulo, o leitor poderá ter a acesso a um breve histórico da IASD, tendo uma visão geral do que é a igreja, sua origem, partindo do surgimento e desenvolvimento do Millerismo, que foi um grande movimento religioso cristão que se desenvolveu nos Estados Unidos da América. A narrativa traça uma construção histórica desde o desenvolvimento da IASD enquanto igreja, bem como sua expansão mundial, e consequentemente a chegada ao Brasil.

A partir do segundo capítulo, analisamos a chegada do Adventismo em Alagoas, traçando uma linha cronológica, desde a chegada do primeiro Adventista ao estado alagoano, aqui relatamos as primeiras dificuldades, os conflitos, fazendo uma análise da situação política, da situação da sociedade Alagoana no período de 1908 a 1915, analisando os governos de Euclides Malta e Fernandes Lima, há ainda um tópico dentro do referido capítulo onde discutimos o triste episódio do **“Quebra de Xângo”**, fatídico ato de intolerância religiosa que ocorreu com a benevolência do Estado Alagoano, sob o pretexto de se acabar com todos os locais de cultos afros na cidade Maceió, ato esse que se dá no ano de 1912, por fim analisamos ainda os conflitos vívidos entre os pioneiros adventistas alagoanos e os demais grupos cristãos presentes em Alagoas na época.

2 IGREJA ADVENTISTA VISÃO GERAL

A Igreja Adventista do Sétimo Dia se apresenta como um movimento mundial com mais de 20 milhões de membros, espalhados por 206 países, segundo o site da instituição (ADVENTISTA, 2018), Os Adventistas do Sétimo Dia nunca se consideraram apenas mais uma denominação; ao contrário, desde sua origem, compreendem que seu movimento é um cumprimento profético (KNIGHT, 2000, p. 6) e essa ideia é amplamente difundida até os dias atuais com inúmeras literaturas que atestam tal crença:

Como é crucial sabermos que não somos um acidente eclesiológico moderno, mas um movimento originado e guiado por Deus! A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem uma missão profética mundial. O Anjo de Apocalipse 10 apresenta-se com um pé na terra e outro no mar, denotando que haveria um movimento mundial (vs. 8), e seria necessário um projeto de missão global envolvendo as nações do mundo (vs. 11; 14:6). A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem uma identidade profética. “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus”. (BORBA, 2018)

A Igreja Adventista faz parte do movimento de igrejas tradicionais americanas (Luteranos, Calvinistas, Presbiterianos, Metodistas e Batistas) que surgiram no século XVII e XVIII. Sendo classificada como uma igreja “Histórico-Restauracionista”, pois a base de suas crenças são comuns às igrejas históricas, como a crença na Bíblia Sagrada como única regra de fé, crença na Pessoa de Jesus Cristo como Salvador e Redentor da humanidade, dentre outras, e também crenças que são classificadas como Restauracionistas que buscam trazer a restauração do homem Pré-endêmico (sem pecado) levando o fiel ao desenvolvimento de uma fé pessoal e uma espiritualidade profunda. Podemos destacar a doutrina do crescimento em Cristo como um dos vários dogmas adventistas.

Os Estados Unidos experimentaram no final do século XVIII e início do XIX um processo de reavivamento, com uma mudança do cristianismo tradicional inglês marcado pelo puritanismo, e o surgimento de uma nova corrente teológica nacional, o que ficou conhecido como o Grande Despertamento da Fé americana, com igrejas da Nova Inglaterra sendo precursoras desse movimento. É nesse período que notamos o surgimento de inúmeras congregações espalhadas por todo território americano, criando assim o plano de fundo perfeito para o surgimento do movimento Millerita e, como consequência na segunda metade do século XIX, o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

É preciso salientar que países, como Inglaterra, França e Alemanha passavam nesse período por uma efervescência cultural, social e econômica. Com o início da revolução industrial entre os anos de 1820 a 1840, a América despontava como uma nação em crescimento, onde a liberdade de crença era um dos pilares mais fortes de sua sociedade.

Nesse período podemos destacar o reavivamento experimentado, não só pelos Estados Unidos, como também pela Inglaterra, o que levou a segunda não só exportar seus produtos industriais como a sua religião e fé. Veremos que no fim do século XVIII e início do XIX, a Inglaterra veria o surgimento do movimento Missionário, que teve sua origem com William Carey que viveu durante boa parte de sua vida na Índia como missionário. Portanto, podemos afirmar que o século XIX será conhecido como o Século das Grandes Missões. (Alencar, Maceió, 2014 pp.47). Concordo com a posição de Alencar, pois é durante o século XIX que testemunharemos o surgimento das Missões Evangélicas europeias, espalhadas por toda a Ásia, tendo destaques Índia, China e Ceilão (Sri Lanka), estas instituições tinham a função de enviar clérigos e sacerdotes protestantes na condição de missionários, para que desenvolvessem a obra evangelística.

2.1 Surgimento da Igreja Adventista nos Estados Unidos da América

O Adventismo tem origem na crença do segundo advento de Cristo à terra, cujo movimento teve como precursor nos Estados Unidos um pregador Batista por nome Guilherme Miller que viveu século XIX, responsável por iniciar um movimento composto por centenas de milhares de pessoas que acreditavam no breve retorno de Jesus Cristo à Terra, e que a mesma seria purificada com tal retorno. (KNIGHT, 2000, p. 11). Segundo Höschele¹, este movimento deve ser visto apenas como parte da atmosfera de reavivamento comum ao longo do século XIX na América do Norte (2018, p. 339-340).

Miller, veterano da guerra Anglo-Americana de 1812, fora durante muitos anos de sua vida um deísta (acredita em Deus, mas não em religiões) fato que segundo KNIGHT só mudou em 1816, quando Miller foi convidado por seu tio para ler o sermão na pequena Igreja Batista de Low Hampton no estado de Nova York, tomado de um reavivamento. Miller passa a dedicar-se ao estudo fervoroso da Bíblia, fazendo com que após dois anos de profunda análise e comunhão, chegue a conclusão com base no texto bíblico do profeta Daniel que Cristo retornaria para purificar a terra por volta dos anos de 1843/1844.

¹ Höschele, Stefan, Doutorado em Teologia e Estudos Religiosos, Universidade do Malawi. Autor do artigo **On the Ecumenical and Separating Potential of Revivals: A Case Study of the Millerite Movement**.

Tem início uma série de cruzadas evangelísticas lideradas por Miller, Josué V. Himes¹, Carlos Fitch² e outros pioneiros do chamado **Movimento Millerita** pregando em reuniões ao ar livres chamadas de Campais e congregações espalhadas pelo centro dos Estados Unidos, atraindo milhares de pessoas que criam nesta mensagem, provocando um vultoso crescimento no número de adeptos.

Tem início uma séria de cruzadas evangelísticas lideradas por Miller, Josué V. Himes², Carlos Fitch³ e outros pioneiros do chamado **Movimento Millerita** pregando em reuniões ao ar livres chamadas de Campais e congregações espalhadas pelo centro dos Estados Unidos, atraindo milhares de pessoas que criam nesta mensagem, provocando um vultoso crescimento no número de adeptos.

Baseados na interpretação do livro do profeta Daniel no capítulo 8 e verso 14, os Milleritas chegaram à conclusão de que o breve retorno de Cristo à terra dar-se-ia por volta do Outono de 1844, fato que causou grande alvoroço e alarde na população, fazendo com que centenas de milhares aderissem à pregação Adventista. Com o aproximar da data o número de adeptos crescia de forma fenomenal segundo o livro **Nossa Herança**, Editado por Rubem M. Scheffel e publicado pela CPB; Havia diversas classes de pessoas entre os crentes adventistas; alguns tinham se unido ao grupo por medo, outros rejeitaram a data exata, mas, haviam crentes sinceros que aguardavam o breve retorno de Cristo, a maioria dos quais aceitaram o dia. Esses grupos em sua maioria eram compostos de pequenos agricultores e comerciantes, muitos dos quais abandonaram seus ofícios para se dedicarem exclusivamente à obra adventista. Os crentes adventistas estavam tão certos de que Jesus Cristo retornaria, que muitos não cultivaram seus campos, existindo um pensamento comum a todos que antes da colheita eles já não estariam ali.

Quando o grande dia de fato chegou, centenas aguardavam de forma vigilante o tão esperado acontecimento, fato que não ocorreu, ao final do dia o que houve foi uma grande decepção. Os Milleritas estavam desanimados e confusos (KNIGHT, 2000, p. 12-21). Fica muito claro tal decepção no que descreve o historiador Everett Dick:

Imediatamente depois do grande desapontamento, houve muita confusão. Os crentes haviam centralizado sua fé na vinda de Cristo em 22 de outubro, e tão certos estavam de que chegara o tempo do advento que ficaram completamente desorientados. (DICK, 2007, p. 26).

Alguns continuaram crendo que Cristo logo voltaria e daquele grande grupo dos chamados Milleritas saíram quatro sub-grupos:

² **Joshua Vaughan Himes**, foi um importante pastor batista, da cidade americana de Boston, nascido em 19 de maio de 1805 em Rhoad Island. Tornou-se um dos primeiros pastores a abrir as portas de suas igrejas para a pregação de Miller. Em 1840, ele lançou a revista “Sinais dos Tempos” sem patrocínio nenhum e sem ainda ter nenhum assinante, com apenas um dólar de capital. Seu trabalho foi realizado inteiramente pela fé. Além disso, ele também publicou uma segunda e uma terceira edição dos Sermões de Miller, diagramas, folhetos, livros, tratados, hinários, páginas avulsas e boletins com as mensagens adventistas.

³ **Carlos Fitch**, Congregacionista ele também foi Pastor em Boston e bom organizador. Foi ele quem desenvolveu o uso de cartazes e gráficos para os ministros que trabalhavam sob a direção de Miller. Tendo desenhado o importante gráfico que explicava de forma didática a profecia dos 2300 dias.

1º grupo: continuou e crendo nas ideias de Miller. Liderados por Himes tentou manter a unidade, mas como um vaso quebrado, logo se esfacelou. Em 1858 deixou de existir;

2º grupo: era composto de pessoas que de fato muito desapontadas, com raivas, sentido- se enganadas ludibriadas, não quiseram saber, de mais nada que envolvesse crenças adventistas, apostatando-se e saindo do movimento;

3º grupo: composto por pessoas que voltaram para suas igrejas de origem, abandonando o movimento Millerita;

4º grupo: manteve-se estudando, mas sem marcar novamente datas para o retorno de Cristo; Deste pequeno grupo sairia o que viria a ser o embrião da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Organizada em 21 de abril de 1863 por um pequeno grupo ex-Milleritas liderado por **Thiago White, Joseph Bates, J. N. Andrews, Ellen H. White, J.N. Loughborough**, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é hoje o maior grupo resultante do movimento Millerita. Embora essa denominação seja conhecida como a maior herdeira deste movimento, passou por um desenvolvimento para além da ênfase principal do Millerismo.

Ainda na década de 1840, esse quarto grupo aprofundou-se no estudo bíblico, elaborando doutrinas que se distinguiam em muito dos seus antecessores, entre elas a doutrina do Santuário Celestial, crença bíblica, em que os fiéis atestam a existência de um santuário no céu, semelhante ao que existia no período do êxodo, e que o serviço desempenhado pelo sacerdote levita dos tempos bíblicos, é desempenhado por Cristo como o sacerdote celestial.

O santuário terrestre estava dividido em três compartimentos: o átrio (cf. Ex. 27: 9), o lugar santo (cf. Ex. 26: 33) e o lugar santíssimo (NC, 2000, p. 413). Todos esses compartimentos eram separados por cortinas, pois era necessário que fossem desmontáveis. Cada compartimento tinha alguns móveis construídos de tal forma que também pudessem facilmente ser transportados. Os rituais do santuário eram regidos por um sistema sacrificial de ofertas. Essas ofertas eram ministradas pelos sacerdotes ao povo e a si mesmos. O serviço desses sacerdotes nos rituais consistia no recebimento, apresentação e utilização de ofertas. O serviço diário incluía o trabalho com as ofertas queimadas do sacrifício da manhã e da tarde, oferta de manjares e libações.

O dia da expiação era um dia especial, quando todo o povo de Israel parava todos os tipos de atividades e passava o dia inteiro em jejum e oração, esperando a aceitação divina. O serviço diário funcionava apenas com o sacrifício da manhã e da tarde. O Sumo Sacerdote se vestia especialmente para esse dia, trazendo um novilho que serviria como expiação por seu pecado individual. A ele eram entregues dois bodes e um carneiro. Ele, então, sacrificava o

novilho por si, e aspergia seu sangue no lugar santíssimo – esta era a única vez no ano que entrava no santíssimo, pois durante o resto do ano, todos os serviços eram efetuados no lugar santo do santuário.

Esta foi uma das crenças que os fizeram manter viva sua fé no adventismo, pois criam que Miller estava certo quanto a data, mas errado quanto ao fato. O que ocorreu em 1844 não foi a purificação da terra com o retorno de Cristo, pois, esta era uma crença popular muito difundida entre os cristãos da época, inclusive, Miller defendia que a terra era o santuário e que a mesma só seria purificada com o retorno de Cristo e como consequência o juízo final. (Timm, 2002, p. 35).

O quarto grupo cria que o que aconteceu em 1844 foi a passagem do Sumo Sacerdote celestial- Cristo- do lugar santo do tabernáculo para o santíssimo, conforme acontecia como o sacerdote levita nos tempos bíblicos, assim Cristo em 1844 como Sumo Sacerdote celestial, dá início ao processo de expiação pelos pecados da humanidade.

Além desta crença podemos citar o Dom Profético em Ellen White, a qual os Adventistas acreditam ter recebido visões e profecias da parte de Deus e recomendações para a Igreja, especialmente nestes últimos dias. A guarda do sábado, como dia sagrado, crença esta que é recebida dos Batistas do Sétimo dia por meio de Raquel Oakes, (KNIGHT, 2010, p. 42).

As crenças fundantes deste grupo estão expressas em seu nome Adventistas do Sétimo Dia, o Advento de Cristo é a base da fé adventista, dessa crença surgiu todo o movimento, e o sábado seria a grande distinção deste grupo. Os mesmos creem que são chamados por Deus a conservarem tais verdades. Ao manterem a guarda do sábado, bem como os demais mandamentos, estão fazendo a vontade de Deus. (GONZALES, 1990.p 15)

Ao estudar a fundo a formação da Igreja Adventista, percebemos que o pequeno grupo remanescente de 1844, não tinha uma organização bem definida, fato que levou cerca de 20 anos, e um processo precisou ser observado que vai desde a aceitação das crenças adventistas, à publicação de inúmeros periódicos como o *The Presente Truth- A Verdade Presente-* (1849) a *Advent Revil* (1850), que posteriormente viriam a se tornar a revista adventista, conforme descreve (Nossa Herança, 2004, p. 58) há ainda a elaboração da Escola Sabatina em 1853, uma reunião dos referidos membros em torno da instrução Bíblica, que só pode acontecer após a publicação do primeiro periódico voltado para a juventude chamado de *Yoth's Instructor- Instrução para Jovens* (1852) (DICK, 2007, p. 77).

Apesar deste amplo crescimento, o que havia de fato entre uma parcela dos membros era uma aversão profunda a qualquer forma de organização e até mesmo a criação de uma

nova igreja era rejeitada. Podemos afirmar que, de fato, a IASD só surgiu devido a uma real necessidade dos adventistas, em estarem, de certa forma, mais preparados para a discriminação e propagação de suas crenças. O que só ocorre como citado, não antes de 1863 com a criação da Conferência Geral do Adventistas do Sétimo Dia.

2.2 A Mensagem Adventista no Brasil

Após esse processo de formação e organização, os adventistas do sétimo dia vão experimentar um amplo processo de expansão e crescimento, fazendo com que os limites geográficos dos Estados Unidos sejam transpassados com o envio de Missionários para a Europa, América Central e do Sul e Oceania, continentes a receberem os Missionários Adventistas.

Essa expansão só se dá de fato a partir de 1874, mas somente nos últimos anos do século XIX é que há uma intensificação, o que faz com que a Igreja Adventista do Sétimo Dia se torne uma das instituições religiosas com uma intensa e agressiva estratégia proselitista. Nesse período, um dos países mais receptível à pregação adventista foi a Alemanha, segundo *Haller Elinar Stach Schunemann* em seu artigo na revista de estudos da religião- REVER, publicada pela PUC-São Paulo 2003, sob o título de: “A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã.”

A chegada do adventismo ao país está ligada de forma intrínseca com as ondas migratórias europeias do final do século XIX, principalmente de russos e alemães, sendo estes últimos os maiores responsáveis pela chegada do movimento às terras brasileiras.

As pesquisas acerca do Brasil indicam que os adventistas também emigraram do sul da Rússia para Rios dos Cedros, Santa Catarina, na década de 1880. Ao mesmo tempo, chegaram imigrantes da Alemanha. Entre eles encontrava-se a família de Friederich Wilhem Kumpel, que imigrou em 1892 e se estabeleceu numa comunidade que mais tarde passou a ser conhecida como Boa Vista do Guilherme. Uma imigrante Helena Kumpel tinha sido batizada Sabatista na Alemanha em 1866, e posteriormente se tornou adventista do sétimo dia. é provável que seu batismo como guardadora do sábado tenha ocorrido antes de qualquer imigrante adventista do Brasil e talvez de toda a América do Sul (GREENLEAF, 2011, p. 24).

Só é considerado de fato o início do movimento adventista do Brasil o período em que um número grande de literaturas começa a chegar em nosso território, o que de acordo com Borges, se deu por um fato um tanto pitoresco da história adventista em solo nacional.

Borges descreve que no final do século XIX um jovem imigrante alemão por nome de Borchardt, após surrar e matar um homem na pequena vila de Brusque, no Estado de Santa Catarina, foge de forma clandestina em um navio para Alemanha. Quando por ocasião de sua

fuga em alto mar, ele conhece dois missionários adventistas que ao descobrirem que o jovem vinha do Brasil, ficaram interessado e logo pediram-lhe ajuda para que pudessem enviar literaturas para o País. O jovem acaba dando o endereço do Padrasto Carlos Dreefeke para que o mesmo pudesse receber as tais literaturas (Borges, 2000, p. 15).

Carlos Dreefeke era um luterano que havia emigrado para o Brasil para poder buscar o sustento e sobrevivência de sua família. Homem religioso e muito piedoso, é considerado como o primeiro imigrante em território brasileiro a ter contato com a mensagem adventista.

Pouco tempo depois um pacote de revistas adventistas vindo dos Estados Unidos e escritas em Alemão, endereçadas ao Sr. Dreefeke, na venda do Sr. Davi Hort, local onde se tornaria o primeiro ponto de distribuição indireta da Mensagem Adventista. Foi por meio da pequena venda que as literaturas conseguiram ser disseminadas. Não se sabe ao certo a data em que esse fato aconteceu, há uma oscilação entre os anos de 1879 e 1884. É preciso levar em conta que a revista *Stimme der Wahrheit* (Voz da Verdade) fora publicada apenas em 1879 com uma tiragem de apenas 3 edições do periódico, sendo portanto impossível sua chegada no mesmo ano ao Brasil. Por outro lado, 1884 parece-me ser uma data muito tardia para a abertura do pacote contendo 10 exemplares do *Stimme der Wahrheit und Prophetischer Erklärer* (Voz da Verdade e Expositor Profético).

Há um registro feito pelo Pr. Germano Streithorst, na edição de 1958 da Revista Adventista, relatando que uma testemunha ocular, por nome Adolfo Hort, filho do Sr Davi Hort, dono do armazém onde os pacotes das referidas revistas chegaram e foram abertas, de que ele tinha a idade de 9 anos quando presenciou tal fato, se levarmos em conta que Adolfo nasceu em Brusque-SC em 31 de agosto de 1871, sendo 1880 a referida data da chegada do pacote de revistas ao Brasil.

Há ainda um outro fato de corrobora com esta data. Segundo relatos de Adolfo, no ano em que as revistas chegaram a Santa Catarina, uma grande enchente teria assolado a região. Ele conta que viu sua mãe chorando, em desespero, diante das perdas que atingiram a todos. Os registros históricos apontam que, de fato, entre 21 e 27 de setembro de 1880, o Vale do Itajaí-Açu foi atingido por uma forte enchente, vitimando inúmeras pessoas. Em matéria eletrônica do Jornal Metas, de Santa Catarina do ano de 2016 é feito um registro das inúmeras enchentes que atingem a região nos últimos anos. Em um dos gráficos apontados pela matéria é apresentado o histórico de enchentes, e a enchente de 1880 é apontada como a maior cheia já registrada na região com o nível do Rio Itajaí-Açu, subindo impressionantes 17,1 metros, o equivalente a um prédio de 6 andares.

É importante salientar que a IASD chega no Brasil primeiro entre essas comunidades alemãs. No primeiro momento não como um projeto missionário organizado, mas com uma missão evangelística e a mensagem adventista encontra espaço no seio da colônia germânica de Santa Catarina. Por conta da língua em que as literaturas são produzidas, bem como pela cultura protestante que permeia em sua grande parte os imigrantes, nem todo alemão que estava no Brasil era protestante, mas a recepção de uma literatura em língua pátria em uma região onde o português era o idioma falado por todos era algo muito animador. O fato é que esse crescimento e aceitação da igreja adventista se dá exatamente em uma região que já tinha familiaridade com o tema bíblico apresentado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

É fato que temos o registro de algumas famílias adventistas alemãs que imigraram para o Brasil, famílias como os Kumpel que chegaram no país por volta de 1892, vindos de Vohwinkel Alemanha; eles eram membros da congregação local desde o ano de 1876, tendo sido batizados por um pastor suíço chamado Jacob Erzberger, após a chegada ao Brasil os Kumpel mantêm firmes as crenças adventistas. O Pr Huldreich F. Graf os encontra guardando o sábado e vivendo na região de Não Me Toque no estado do Rio Grande do Sul no ano de 1898.

Contudo, é fato que o momento que marca o início do movimento adventista é a chegada do pacote de literatura no armazém de Davi Hort, como já destacamos nos parágrafos anteriores. Após essa chegada, o que há de registro é que tais periódicos impactam a vida dos colonos alemães na região do Vale do Itajaí, Santa Catarina.

Entre eles destacamos Guilherme Belz, um imigrante Alemão oriundo da região da Pomeródia, que recebe, além das revistas, o livro *Gedanken über das Buch Daniel*, uma tradução alemã da obra de Uriah Smith. No livro os capítulos que tratavam do sábado foram os que mais lhe chamaram a atenção. Guilherme, desde jovem, ainda na Pomeródia, sentia profunda curiosidade acerca dos assuntos relacionados ao Sábado, que era apresentado na Bíblia como o dia de descanso, sendo alvo de inúmeras indagações aos líderes de sua igreja, sem nunca obter respostas satisfatórias. É somente quando se deparam com esse livro, após um profundo estudo de seu conteúdo, que ele e sua esposa, Johanna Belz, se tornam os primeiros guardadores dos sábados, a mensagem adventista em que se tem registro, no Brasil. (GREENLEAF, 2011, p. 25).

Segundo Schunemann, a mensagem adventista só chegou no Brasil de forma oficial com a visita do primeiro Colporteur⁴ Adventista, por volta do ano de 1890. (O serviço de

⁴ O termo **colporteur** tem origem francesa, era o nome dado aos mascates ou vendedores na sua grande maioria de livros, que por carregar no pescoço recebiam esse nome

colportagem⁵ adventista é uma obra de venda de literaturas e impressos produzidos com o cunho evangelístico). O primeiro desses vendedores de literatura a chegar no Brasil é o Albert Stauffer, responsável por introduzir literaturas adventistas na Argentina, Uruguai e no Brasil.

Stauffer é precedido por outro colporteur, Albert Bachmeyer, alemão que era marinheiro, já era cristão quando conheceu a mensagem adventista na cidade do Rio de Janeiro e decidiu ir para Santa Catarina desenvolver o ofício da colportagem², vendendo livros para os imigrantes alemães, principalmente no vale do Itajaí. É lá que ele se depara com os grupos de Brusque e Gaspar Alto que estavam familiarizados com a mensagem adventista, e guardavam o sábado, e que posteriormente formariam a primeira igreja do Brasil.

Como nenhum dos colportores eram obreiros assalariados, nem ordenados como pastores adventistas, não há registro de nenhuma dessas famílias como membros da igreja, pois a mesma põe como requisito para a afiliação ao seu rol de membros o batismo por imersão nas águas, só podendo o mesmo ser realizado por um pastor devidamente ordenado e credenciado pela IASD.

O primeiro obreiro assalariado, vindo na condição de pastor, percorre a mesma rota dos colportores anteriores, vindo da Argentina em direção ao norte chegando na região de Brusque-SC, a qual, os registros indicavam forte presença de fieis guardadores do sábado e crentes na mensagem adventista, desempenhando pioneira função, o Pr. Frank Westphal⁶, encontra núcleos familiares de imigrantes alemães, que estavam aptos para receber o batismo e ingressar de forma oficial na congregação adventista; temos como registro de tais ações o ano de 1895.

Entretanto, para que de fato houvesse um avanço na obra adventista em território brasileiro, apesar das crescentes vendas de literatura alemã na região dos imigrantes europeus, era necessário o envio de literatura em língua portuguesa.

“Mas, apesar da motivação e do relativo sucesso com que os colportores vinham vendendo livros em alemão, Stauffer percebeu que para espalhar a mensagem adventista por todo o Brasil eram necessários livros em português. Então, ele

⁵ **Colportagem** pratica da venda de literatura religiosa conforme descrito no item

⁶ **WESTPHAL, Frank**, foi o primeiro pastor adventista enviado como missionário de forma oficial para desenvolver o trabalho evangelístico na América do Sul. Chegando na Argentina em 1894, Westphal nasceu em New London, estado do Wisconsin, nos Estados Unidos, casado com Mary Westphal, ele estudou Teologia no *Battle Creek College*, sendo ordenado Ministro Adventista em 1883. Tornou-se o primeiro a realizar batismos em regiões onde mal se sabia da existência de congregações da denominação. Exemplo são as cerimônias realizadas em São Paulo, no rio Piracicaba, onde ele batizou Guilherme Stein Jr, em abril de 1895, considerado o primeiro brasileiro batizado como adventista do sétimo dia. Ainda em 1895, em Santa Catarina, conforme o jornalista Michelson Borges, Westphal compartilhou a mensagem bíblica para uma comunidade em Joinville e ali deixou mais de 30 observadores do sábado. “Já em Brusque, Westphal diz ter encontrado os primeiros grupos de conversos ao adventismo, no Brasil”, afirma o jornalista. De acordo com o relato de Borges, “em 8 de junho de 1895 foi realizado o primeiro batismo de oito pessoas no rio Itajaí-Mirim, uns cinco ou seis quilômetros acima da Vila de Brusque”. Houve batismos, feitos por Westphal, ainda, em Gaspar Alto, de pessoas como Guilherme Belz e sua esposa Johanna. Estima-se que Belz começou a guardar o sábado em 1890.

solicitou à Associação Geral da IASD⁹ nos EUA que passasse a editar livros no Brasil e em português. Em 1894, W. H. Thurston chega ao Brasil para apoiar a Stauffer e editar livros em português. Com o desenvolvimento da colportagem no Brasil e o crescimento de membros houve a necessidade da vinda de pastores para o Brasil”. (SOUZA, 2013, p. 20)

Além da chegada dos pastores e dos primeiros batismos, bem como da venda de livros adventistas no Brasil, podemos destacar que outra forma de introdução da IASD em solo nacional se dá de fato pelo estabelecimento de instituições, como a primeira escola adventista que se estabelece em Curitiba no Paraná e é inaugurada em 1º de julho de 1896. A escola era um marco no contexto da educação brasileira, pois tinha aulas de segunda a sábado, o que era um fato curioso: O sábado era o dia da aula de religião e para que os alunos assistissem os pais deveriam estar presentes, o que na prática se tornava mais um culto do que uma aula propriamente dita. (GREENLEAF, 2011, p. 56-57). Em 1901 o país já contava com pouco mais de 5 escolas adventistas, espalhadas na região sudeste e sul do Brasil.

Em 1900 temos o registro da publicação do primeiro jornal em língua portuguesa produzido para o Brasil, “O Arauto da Verdade”, foi o primeiro impresso em nosso solo, tendo Guilherme Stein Jr. como editor. Stein Jr foi o primeiro brasileiro batizado, tendo se convertido ao adventismo após o contato com uma literatura adventista que recebeu de sua sogra. A mesma adquiriu o livro *Der Grosse Kampf*, em português: O Grande Conflito, de dois colportores adventistas. Ele, também, é o autor do primeiro livro adventista em português com o título de “O Sábado” publicado em 1919 pela Casa Publicadora Brasileira. (GREENLEAF, 2011, p. 226).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia rapidamente se desenvolveu, tendo sua mensagem espalhada primeiro pelo sul e sudeste brasileiro, e em seguida pelas regiões norte e nordeste do país. Muitos são os precursores do Adventismo em nosso território. Aqui queremos destacar a chegada do segundo Pastor adventista, chamado de Frederico Weber Spies, americano, nascido no dia 29 de junho de 1866, na Filadélfia, no grande estado da Pensilvânia e convertido ao adventismo aos 22 anos de idade.

Trabalhando como colporteur, ele foi levado a dirigir a obra de colportagem na Alemanha e em 1896, a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia o convida para se tornar missionário no Brasil. Spies trabalhou na região sul do país e em estados da região sudeste: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, mas em especial, torna-se o primeiro obreiro a vir para o nordeste brasileiro. Tendo a Bahia, Sergipe, Pernambuco e Alagoas em seu currículo ministerial. Alagoas, que é o objetivo principal da análise desse trabalho, tem

sua história ligada com a vida desse referido missionário o qual em capítulos posteriores analisaremos de forma mais precisa.

2.3 Brasil, um país cristão por essência

Para podermos compreender a chegada do Movimento Adventista em nosso território, é preciso compreender o pano de fundo político, social, cultural e econômico que estávamos vivendo. No Brasil que recebe os primeiros missionários adventistas por volta do final do século XIX, não havia nenhum vestígio de protestantismo. De acordo com Boanerges Ribeiro⁷ no livro: **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888**, descreve que o país como um todo era marcado pela forte presença do cristianismo católico, bem como por religiões de matrizes africanas e religiões praticadas pelos índios nativos. Uma verdadeira diversidade religiosa dominava.

Antes de qualquer coisa é preciso compreender que ao nos referirmos ao Brasil desse período, estamos falando de um jovem país que há pouco havia empreendido sua independência de Portugal, país do qual fora colônia por um longo período, desde a data da ocupação de suas terras que vão do ano 1500 até 7 de setembro de 1822, data da Independência.

Como Colônia, o Brasil, estava ligado à metrópole (Portugal) por uma série de regras e normas, as quais a historiografia convém chamar de Pacto Colonial. Segundo Fernando Novais⁸, o Brasil deveria servir para Portugal como alavanca para acumulação de capital, sendo portanto, apenas necessário para a exploração e captação de riquezas.

Dentre as séries de estratégias tomadas para que houvesse um controle do novo território no além-mar, o Reino decidiu que deveria haver um processo de evangelização que ficou conhecido como catequização dos índios nativos desta terra. Na colônia era “proibida” qualquer forma de religião que não fosse a praticada pelo Estado Português. Neste caso, o Catolicismo Romano. É preciso salientar que apesar da proibição oficial, o que se evidenciou no dia a dia, foi algo realmente diferente, pois era comumente encontrada entre os colonos, índios e negros escravizados à prática de religiões indígenas e de matrizes africanas, que conviveram lado a lado ao catolicismo estatal.

⁷ **RIBEIRO, Boanerges** – foi um teólogo e pastor da igreja presbiteriana, autor de inúmeros trabalhos sobre a história do protestantismo entre eles o livro: *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888*, publicado em 1973 pela editora Pioneira

⁸ **NOVAIS, Fernando** – Renomado historiador brasileiro, teve como tese de doutorado o proeminente trabalho intitulado de: *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)* publicado em 1973.

Para podermos compreender essa influência em nosso território é preciso salientar que, com efeito, desde a historiogênese e da sociogênese de Portugal, eles já se auto declaravam um estado Católico. A população portuguesa praticava a referida religião em seu hábitos e costumes, bem como em sua arquitetura, formas de pensar e agir; ficava latente a influência do catolicismo, e mesmo nas suas raízes anteriores à proclamação do Reino Português como povo e reino livres, a Igreja e as suas diferentes instituições, com particular destaque para as ordens religiosas, tiveram um papel importante na afirmação deste território autodeterminado, com uma língua, uma cultura, uma governança própria e estruturada, assim como um sistema simbólico identitário que bebe na Igreja e no Cristianismo a sua legitimação.

Desde o momento fundacional do Reino Português com a liderança de D. Afonso Henrique e seus sucessores, não pode ser plenamente compreendido e explicado sem a cooperação de diferentes ordens religiosas e de membros do clero secular católico, despontando desde o início como um Estado Nacional Católico, o Reino de Portugal, determinava como única religião oficial de seu território o catolicismo, proibindo assim que seus súditos reinóis, se submetessem à prática de outra religião, podendo serem passíveis de punição no caso do descumprimento de tais normas.

Portugal era o país mais católico de toda a Europa, e como uma possível consequência direta, sua maior colônia também o seguiu, tornando-se assim um território católico, é o que fica evidenciado desde as primeiras medidas tomadas por Portugal acerca do Brasil; veja como exemplo o que ocorre por ocasião do estabelecimento do Governo Geral Português no Brasil em 1549. D João III passa o regimento para Tomé de Souza, que foi o primeiro Governador Geral do Brasil, um regimento que deixava claro os seus poderes, as normas de seu governo e quais eram os seus objetivos perante a colonização do Brasil:

“Eu, El Rei faço saber a vós Thomé de Souza fidalgo de minha Casa que vendo eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as Capitãias e povoações das terras do Brazil e dar ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa Santa Fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais deles ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça e prover nas coisas que cumprirem a meu serviço e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes... Porque a principal coisa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brazil foi para que a gente dela se convertesse à nossa Santa Fé Católica vos encomendo muito que pratiqueis com os ditos capitães e oficiais a melhor maneira que para isso se pode ter e de minha parte lhes direis que lhes agradecerei muito terem especial cuidado de os provocar a serem cristãos.” (Regimento de Tomé de Souza, 1548 p. 345). (grifos do autor)

Para o cumprimento dessa missão evangelizadora, foi escolhida a Companhia de Jesus, organização católica que tinha a função de catequizar os índios e educa-los nos moldes

e padrões portugueses. Fundada na França em 1534 pelo padre Inácio de Loyola, os Jesuítas como eram comumente reconhecidos, tinham a função de ser o braço evangelístico da igreja. Esta instituição surgiu no período da Contra-Reforma católica por volta do ano de 1545. De fato, os primeiros séculos de nossa História são marcados pela forte presença desta instituição, o que só muda a partir da metade do século XVIII, quando o governo português passa para o controle de D. José I, que nomeia como seu Secretário de Estado, Sebastião José de Carvalho e Melo conhecido como o Marques de Pombal.

Este período é marcado por muita efervescência política e cultural. A Europa passa por uma série de processos que modificam todo o cenário social da época e uma nova corrente de pensamento marcada pelo renascimento cultural, humanismo, reforma protestante, modifica todo o cenário europeu. Toda essa agitação descambou na relação em que nosso território mantinha com Portugal, o Marques de Pombal, seguindo uma tendência europeia, toma inúmeras mudanças para a administração do Reino e das colônias, que ficaram conhecidas como Reformas Pombalinas. Dentre as muitas medidas adotadas pelo governo de Pombal, podemos destacar a expulsão dos Jesuítas do Brasil, e conseqüente prisão dessa ordem religiosa, que era aos olhos do Ministro um empecilho para o avanço de sua política. Sua gestão foi um perfeito exemplo de *despotismo esclarecido*⁹.

Apesar de todo o período colonial ser marcado pelo domínio da Igreja Católica e do sincretismo religioso que tivemos em nosso País, a despeito da falta de liberdade religiosa por parte de Portugal para com o Brasil, tivemos neste período colonial pelo menos duas tentativas de introdução do protestantismo.

De acordo com Leticia Oliveira Brito¹⁰, a primeira empreitada protestante ao Brasil ocorre entre 1555 e 1567 com uma expedição francesa que visava formar na região do atual Rio de Janeiro, uma colônia francesa, por nome de França Antártica, chefiada pelo almirante Nicolas Durand de Villagaignon, A França Antártica é considerada como a primeira tentativa de estabelecer tanto uma igreja quanto um trabalho missionário protestante na América Latina. Sem obtenção de sucesso, a Colônia logo fracassa e com ela o primeiro núcleo protestante no Brasil.

A segunda tentativa de implementação da religião cristã protestante se dá por conta da ocupação do Nordeste brasileiro pela Companhia das Índias Ocidentais, organização

⁹ **Despotismo Esclarecido** é uma expressão usada para designar uma forma de governo característica da Europa continental da segunda metade do século XVIII. Foi uma forma de governo adotada pelos reis com o objetivo de transformar a monarquia absolutista que estava em crise com a popularidade das ideias iluministas

1- ¹⁰ **BRITO OLIVEIRA, Leticia**- Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, autora da Monografia: Um relato da chegada do protestantismo no Brasil e a implantação da Igreja Batista em Natal de 2004.

responsável pelo lucrativo comércio de açúcar na Holanda. Era uma organização privada, formada por comerciantes holandeses que, em 1630, invadem e ocupam a cidade de Olinda e a vila do Recife. Com a necessidade de prover uma administração para o referido território, em 1637 a Companhia das Índias Ocidentais envia o conde João Maurício de Nassau, para desempenhar a administração do território Batavo nas Américas.

Como consequência dessa administração temos a introdução do protestantismo em nosso território, agora feita pelos holandeses sob a proteção de Maurício de Nassau; inúmeros pastores e missionários desembarcaram, desenvolvendo um trabalho significativo sendo construídas algumas congregações, que por ocasião da expulsão dos Holandeses no ano de 1654 vieram a ter fim. E com isso, a segunda tentativa de implantação da fé protestante é frustrada.

É somente em 1808, com a transferência da Família Real para o Brasil, que sob o aspecto jurídico, temos início ao período de tolerância do protestantismo em solo nacional. Um dos primeiros atos do governo real, é a chamada declaração de abertura dos portos às nações amigas, sendo a Inglaterra a maior beneficiada desse decreto. Isso permite que, além do desenvolvimento do comércio externo, o Brasil experimente a chegada de inúmeros estrangeiros, o que em tempos idos era algo impossível, pois era proibida a entrada de estrangeiro na Colônia.

Em 1810, dois tratados são celebrados com a Inglaterra durante o governo de D. João IV: o Tratado de Aliança e Amizade e o Tratado do Comércio e Navegação de 19 de fevereiro de 1810. (Vd. KOSTER, 1978, p. 448.). Com esses acordos dava-se a abertura necessária para a entrada do protestantismo, pois dentre um dos artigos do Tratado de Aliança e Amizade concedia-se liberdade de culto aos protestantes ingleses, como aos demais estrangeiros, podendo inclusive construir as suas congregações, tendo contudo, algumas restrições.³⁵ Como observa Rodrigues, “*era a primeira vez que Portugal dava a uma potência estrangeira o direito de construir um templo Cristão com o culto da Reforma.*” (RODRIGUES, 1904, p. 105).

No entanto, excluía-se qualquer possibilidade de proselitismo por parte do estrangeiro e zelava-se pelo respeito à religião oficial, tendo como penalidade a quem quebrasse qualquer um desses dois princípios, a deportação.

Com a independência do Brasil de Portugal em 1822, o país passa por um revés político, e com ele uma ruptura com o regime colonial. Em 1824, o país promulga a sua primeira Constituição. Chamada pela alcunha de Constituição da Mandioca, ela nasceu de um ato direto do Imperador do Pedro I, que dissolveu em 1823, o primeiro parlamento

constituinte que tinha como função escrever a primeira Carta Magna. É com ela que de fato temos a liberdade religiosa sendo destacada, podendo os brasileiros terem outras religiões e prestarem culto domésticos. Nada mais que isso é permitido no território. Na verdade, desde a constituinte de 1823, é notado constantes discussões por parte dos deputados no que tange à religiosidade nacional; muitos, de linha conservadora, defendiam a proibição de qualquer forma de culto que não fosse o católico; havia ainda alguns mais liberais que pretendiam tolerar em até certo ponto outras religiões e outros que pretendiam deixar uma religião oficial que convivesse com a grande mudança porém para o estabelecimento das bases protestantes em nosso território dar-se-á no final do século XIX, com a necessidade de povoar o território com uma população branca e é criada a política de branqueamento da população, o que proporcionou a vinda de imigrantes europeus.

O Brasil da segunda metade do século XIX é fortemente influenciado por uma lógica de políticas eugenísticas, corrente filosófica que determinava a supremacia das raças de acordo com a cor e a origem. É a partir desse momento que grande leva migratórias começam a chegar aqui. Imigrantes de vários países como: Itália, Alemanha, Portugal tiveram grande protagonismo no envio de suas populações para o Brasil. Vindo de regiões da Europa com forte presença do protestantismo, estes imigrantes tornam-se de fato os grupos que inserem a religião e a fé reformada em solo nacional.

É preciso registrar que as primeiras igrejas protestantes que se estabelecem aqui não vem como igreja proselitistas, e sim como igrejas que eram apenas para os imigrantes. Elas não tinha um caráter evangelístico e nos anos iniciais esses grupos religiosos se limitaram apenas às colônias alemães em primeiro momento, para depois expandir suas fronteiras para os brasileiros natos.

3 PRESENÇA ADVENTISTA EM MACEIÓ

Seguindo uma lógica proselitista de expansão, as religiões cristãs protestantes desempenham um grande trabalho de desenvolvimento na propagação do evangelho e, conseqüentemente, com a captação de novos adeptos a fé. Com a IASD não foi diferente essa característica proselitista; é evidenciada em sua missão e objetivo, presentes em sua declaração de missão: “*A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia é proclamar a todos os povos o Evangelho eterno no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12, levando-os a aceitar a Jesus como Salvador pessoal e unir-se à Sua Igreja, e ajudando-os a se prepararem para o Seu breve retorno.*” (Silver Spring, Maryland, abril de 1993). A IASD apresenta-se sempre com esta missão clara de ser uma organização evangelista que visa propagar e converter todas as pessoas que não comungam da mesma crença. Essa visão é descrita como uma crença e a função básica da mesma é levar a mensagem adventista por todo o planeta e a todas as pessoas.

Diante dessa declaração encontramos base para a compreensão do processo de expansão desempenhado pela igreja em torno dos seus 160 anos de existência. Sendo uma das instituições religiosas cristã com um grande crescimento ao longo dos séculos XIX e XX, destacando esse crescimento e expansão ao redor do globo terrestre que mostraremos a partir daqui como ocorreu o processo de chegada do adventismo no nordeste do Brasil, para ser mais específico o estado de Alagoas, fato que se deu em torno de 1808, tendo Maceió como cidade protagonista na recepção da IASD.

Para analisar a implementação da chegada do movimento adventista em Alagoas e o estabelecimento deste grupo religioso no estado, primeiro precisamos salientar que a chegada do adventismo que não se dá de forma organizada em torno de um processo de expansão, como se fosse uma simples proposição do acaso, ou como diriam os fiéis da igreja a providência Divina: fez com que em 1908, Frederico W. Spies o primeiro missionário adventista enviado para o Nordeste brasileiro chegasse nestas terras.

Para analisarmos o surgimento e conseqüente desenvolvimento deste grupo religioso no estado, usaremos como fontes de análises documentos produzidos pela própria IASD, sendo o periódico intitulado de **Revista Adventista** em edições de 1906 a 1930; nossa fonte primária e ponto de partida para desenrolar e descobrir o início que teve este grupo religioso.

3.1 A revista

A Revista Adventista é um dos periódicos mais antigos da instituição, primeiro produzido em inglês para os fiéis americanos da instituição e tem como objetivo principal informar aos membros acerca dos acontecimentos da igreja ao redor do mundo, bem como das decisões tomadas pelo corpo administrativo da IASD. É um canal de comunicação oficial da instituição, tendo sua primeira editoração ainda nos Estados Unidos, tendo como editor chefe o Sr. Thiago White, proeminente pioneiro da Igreja. Thiago foi casado com Ellen White, participou do desapontamento de 1844, e serviu a igreja como ministro ordenado.

A revista adventista começou a ser produzida no Brasil em 1906, sendo primeira chamada de revista trimestral, pois era publicada uma vez a cada trimestre. Em 1908, a revista é renomeada de revista mensal, contendo cerca de 8 páginas. O periódico publicava artigos escritos, em sua grande maioria, por obreiros adventistas que desempenhavam o papel de missionários nas diversas partes do Brasil. Contando os mais diversos relatos sobre o avanço do adventismo pelas entranhas do país, de uma ponta a outra, os relatos são inúmeros.

É com base no relato de um destes Missionários que temos registrado o início do adventismo alagoano, por nome de Frederico Weber Spies, pastor adventista, nascido em 29 de junho de 1866 na cidade da Filadelfia, estado da Pensilvania, nos Estados Unidos. Casado com Isadora Read é enviado para servir como Missionário no Brasil, chegando a Minas Gerais em 1900. Spies se torna um dos principais pioneiros do adventismo.

Trabalhou como missionário em Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e no Paraná. Em 1903 muda-se para o Rio de Janeiro, onde passa a liderar a Igreja Adventista em âmbito nacional. A partir daí, ele começa a desenvolver um projeto de expansão missionária indo primeiro para a Bahia e depois para Pernambuco. Spies recebe um chamado em 1908 do escritório administrativo da igreja com sede no Rio, estando ele em viagem na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, para que se dirigisse a Alagoas, mais precisamente a cidade de Maceió.

E assim, ele descreve em edição da Revista Mensal (Revista Adventista) de 1908, que chegou em Maceió em 03 de outubro do mesmo ano, a fim de acudir um grupo de guardadores do sábado, que já estava preparado para receber o batismo, meio oficial de ingresso na religião adventista. O Pr. Spies descreve que ao chegar na estação de trens de Maceió foi recebido por um irmão da igreja, chamado de Costa, que desempenhava o ofício de enfermagem na Marinha do Brasil. Segundo relata Spies, este referido senhor teve contato com a mensagem adventista no ano de 1907, no Rio de Janeiro, enquanto servia a Marinha.

Sendo transferido para Maceió, ele e a esposa resolveram seguir os ensinamentos da igreja, bem como ensinaram a outras pessoas. Pessoas estas das quais o artigo não faz menção e, infelizmente, não encontramos referências. Spies registra que encontrou 12 pessoas guardando o sábado e que, distante de Maceió cerca de 3 horas de viagem de trem, existia um outro grupo de mais 4 pessoas que já guardavam o sábado, não sabemos porém precisar a localização, nem o que aconteceu a tais pessoas; notamos que não há precisão no relato do Pr. Spies.

Na edição de janeiro de 1909, da Revista Adventista, encontramos um outro artigo de autoria do Pr. Spies, onde menciona a passagem do tempo desde sua chegada à capital Alagoana dois meses haviam passado, e com isso ele destaca o avanço do pequeno grupo de adventistas maceioenses. Em dezembro de 1908 realizou duas cerimônias batismais. Na primeira batizando 4 pessoas e na segunda, mais duas.

3.2 Organização e Processo

O dia 8 de dezembro de 1908 é estabelecido como data oficial de organização do primeiro grupo de adventistas de Alagoas, sendo realizada nesta data uma reunião com os membros para que se pudesse eleger uma direção administrativa para o recém estabelecido grupo. O pastor relata que nessa data foram escolhidos um diretor, um secretário e um tesoureiro, cargos essenciais para administração da igreja.

É preciso salientar que a IASD detém um projeto de organização bem estabelecido e claro, onde um processo precisa ser observado no que tange à instalação de uma igreja; de forma administrativa todas as igrejas adventistas são classificadas em duas categorias: Grupos Organizados e Igrejas Organizadas. O que determina em que categoria uma congregação deve estar são requisitos como:

Grupos Organizados

- 1- Consolidação de um núcleo de liderança composto de Diretor, Secretário Executivo e Tesoureiro;
- 2- Número máximo de 35 membros batizados.

Igrejas Organizadas

- 1- Um núcleo administrativo composto de Ancião (cargo eclesiástico de liderança na congregação local), Secretário Executivo e Tesoureiro;
- 2- O número de membros batizados seja superior a 35;

3- Congregação com departamentos administrativos organizados, sendo eles: o departamento de escola sabatina, que cuida do estudo diário da Bíblia Sagrada, Ministério Jovem, Ministério Infantil e Diaconato, departamentos essenciais para o funcionamento de uma igreja organizada.

De acordo com a descrição de Spies, em 08 dezembro de 1908, o pequeno núcleo adventista de Maceió passa pela primeira etapa, sendo então organizado como grupo adventista, cumprindo os requisitos necessário para tal estabelecimento. Fica registrado que nesse mesmo dia uma comissão foi escolhida para continuar a desenvolver planos para expansão do adventismo na cidade.

Neste artigo havia um apelo para que a instituição enviasse um obreiro permanente para o estado de Alagoas, pois o argumento que Spies usa é o de que existem neste campo missionário inúmeras pessoas propensas a aceitarem a mensagem adventista. Em alguns momentos é relatado que o povo alagoano tinha uma religiosidade forte, com uma presença marcante de católicos, em sua grande maioria pessoas humildes e sem grande gama de recursos financeiros, mas que tinham na fé e religiosidade uma saída para os infortúnios da vida.

O artigo termina trazendo um fato importantíssimo acerca de uma reunião administrativa que foi realizada em São Bernardo do Campo de 1 a 7 de janeiro de 1909, onde o pedido de Spies foi analisado, mas não pode ser atendido, por falta de recursos econômicos necessários para a manutenção do referido obreiro.

3.3 Estrutura Administrativa da IASD

A estrutura organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolveu-se progressivamente. Ela consiste em um encadeamento contínuo que vai desde o membro individual até a Associação Geral, que é a mais elevada organização da Igreja. Na Assembleia da Associação Geral de 1913 foi criada uma forma de organização que está baseada na subdivisão de escritórios administrativos, que tendem a descentralizar a estrutura eclesiástica, bem como servir como representação da organização para um referido território geográfico.

A Igreja Adventista é representada por seu órgão e instância superior que é chamado de **Associação Geral** da Igreja Adventista do Sétimo Dia, responsável pela administração da instituição em nível global. É subdividida em 13 instâncias menores que a representam em determinadas regiões do planeta, na maioria das vezes estas subdivisões correspondem a

continentes ou partes de um continente ou grupo de países com características sociais, culturais e geográficas afins. A estas subdivisões a IASD chama de **Divisões**.

Além destas existem outros níveis menores de organização que são chamados de **União de Associações e Missões**, que por sua vez também administram uma região geográfica menor, onde está inserido o quarto subnível de organização administrativa da igreja, que são as **Associações ou Missões**; são compostas por um grupo de igrejas e um determinado estado ou província. Todos estes níveis são ajuntamentos de igrejas locais que se reúnem sob a égide administrativa da IASD em cada uma das esferas.

Dentro deste sistema notamos que para administração da igreja para a América do Sul, foi estabelecido na Argentina a **Conferência de Uniões** da IASD na América do Sul em 1907, com a necessidade de um estabelecimento jurídico. Foi, então, criada a **Associação do Adventistas do Sétimo Dia do Brasil**, com sede em São Paulo. Lá se reuniu a referida comissão descrita pelo Pastor Spies no artigo da Revista Adventista de 1908.

Greenleaf registra que Spies escrevera no período em que viveu no Brasil centenas de cartas à Associação Geral dos Adventistas, desenvolvendo um fluxo regular de informações contando como a obra missionária avançava em território nacional. Em seus ricos relatos há registro das dificuldades que os pioneiros adventistas no Brasil enfrentavam. O historiador citado faz ainda um destaque a dureza econômica em que se encontravam os fiéis adventistas brasileiros, principalmente se levarmos em conta o percentual de dízimo que era ofertado por nossos vizinhos argentinos.

3.4 O Missionário

Com a chegada de 1911 temos uma considerável mudança no recém-criado grupo adventista alagoano. A partir dessa data registra-se a chegada de um novo pastor adventista a Maceió e por ocasião da reunião da comissão administrativa da igreja realizada. Em janeiro de 1911, foi estabelecido que a Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco formariam um campo missionário, sendo chamado dentro da instituição de Missão Nordeste, tendo sido escolhido com pastor para este campo o senhor John Lipke. Onde antes existia um pastor para todos os estados do norte do Rio de Janeiro, a partir de 1911 passa a ter pelo menos dois, sendo Lipke o responsável por esta nova empreitada.

John Lipke nasceu na Alemanha em 27 de julho de 1875 com o nome de Johannes Rodolf Berthold Lipke, frequentou o seminário teológico em Hamburgo. Ainda na Alemanha,

trabalhou na obra da colportagem, sendo liderado nada mais, nada menos por Frederick Spies, a quem ele sucederia anos depois como pastor da Igreja Adventista de Maceió.

Em registro de maio de 1911, na Revista Adventista, o Pr. John Lipke registra o avanço da Igreja, segundo o mesmo após 5 meses longe. Ao chegar em Maceió ele encontra a pequena igreja firme e fervorosa que contava com cerca de 20 membros e mais pessoas aguardando o batismo. Segundo o Pastor, o pequeno grupo era liderado por um colportor chamado de Celso Camello da Costa que será analisado mais adiante.

Lipke faz um precioso registro em artigo publicado na revista adventista de 1914 acerca de um adventista alagoano que serviu à igreja como colportor, tendo recebido destaque nessa função, sobre o primeiro Adventista em Alagoas. Celso Camello da Costa, convertido ao adventismo provavelmente em 1910. Camello da Costa fora um químico que trabalhou durante muito tempo em uma usina açucareira, saindo da mesma por impedimento de trabalhar aos sábados. Pediu dispensa desse dia por motivo religioso, tendo seu pedido indeferido. Desligou-se da empresa e logo foi chamado para a obra da colportagem, tendo durante um ano trabalhado em Alagoas e na Bahia. Após ter êxito, assumiu a função de diretor de colportagem em Pernambuco, em 1913 foi chamado a São Paulo, onde deveria servir à sede administrativa da União Brasileira da IASD. No final do ano de 1913, ele foi acometido de febre tifóide, vindo a falecer em 27 de maio de 1914 aos 32 anos, como consta no obituário escrito por John Lipke na Revista Advenstista de junho de 1914 p7.

3.5 Conflitos internos e externos

Um outro registro importante que se faz sobre o movimento adventista em Alagoas, é feito pelo Sr. Zacharias Martins. Em artigo da revista adventista de junho de 1915, ele destaca o momento do primeiro conflito vivido pelos fiéis da denominação, segundo o autor a igreja passa por um processo de apostasia e distanciamento das crenças adventistas, isso se dá já em 1915, cerca de seis anos após sua organização pelo Pr. Spies. A igreja agora não trilha mais nas rédeas da organização, o fato só se dá pela ausência de um pastor ordenado no Estado. O distanciamento da sede administrativa que se encontrava no Rio de Janeiro na época. E os grandes lapsos temporais entre as visitas pastorais, fizeram com que crenças estranhas ao adventismo contaminassem o seio da comunidade, fazendo assim com que eles viessem a se afastar da mesma.

Assim descreve Zacharias Martins, que fora um obreiro bíblico para o nordeste brasileiro tendo trabalhado na Bahia, Pernambuco e fora transferido para Alagoas em 1915.

Por ordem superior ele partiu de trem do Recife com a família no dia 13 de outubro, foi recebido na estação de trens de Maceió, após 15 horas de viagem, por um senhor que segundo Zacharias, atuava como diretor da congregação que outrora fora Adventista do Sétimo Dia, e que de acordo com o mesmo se declarava independente. Descreve, ainda, que ficou hospedado durante cinco dias na casa do referido diretor e que pregou na igreja, onde tentou combater as heresias e erros que não estavam de acordo com o credo adventista, o que acabou resultando em sua expulsão da igreja.

Após sua expulsão da congregação, Zacharias começou a desenvolver um pequeno grupo de estudos da bíblia em sua casa e o grupo passou a contar em poucas semanas com cerca de 18 pessoas que frequentavam as reuniões. Essas pessoas eram advindas da antiga congregação independente, ele destaca que pessoas estavam aguardando a visita do pastor para que pudessem ser batizadas. Isso acarretou em uma briga ferrenha entre os dois grupos, a igreja que outrora fora adventista não aceitava a saída de seus membros para que fossem à congregação dirigida pelo senhor Zacharias Martins, a qual estava ligada a IASD de forma regular. Tais demonstrações de inquietudes são registradas pelo próprio Zacharias em artigos de sua autoria na Revista Adventista de 1915.

Além deste conflito interno vívido pelos primeiros membros da IASD de Maceió, Zacharia registra uma segunda querela que se desenvolveu entre os membros da primeira Igreja Batista de Maceió: cerca de 10 pessoas que antes foram membros desta denominação, começaram a participar de reuniões adventistas, o que não foi aceito por parte da liderança dos Batistas, fazendo com que estes membros fossem excluídos da Igreja Batista. Por participação de reuniões adventistas, há menção de católicos que começaram a participar das referidas reuniões; ele termina o artigo destacando que pouco mais de 30 pessoas já estavam preparadas para o batismo. O que evidencia o êxito que este obreiro, mesmo em face de obstáculos e desavenças com lideranças religiosas locais, a saber o Irmão Costa, líder da primeira IASD, e que se apostatou, bem como a liderança da Igreja Batista.

No referido artigo encontramos uma informação que destacamos como importante, pois a mesma nos chama atenção, ao assinar o artigo no final há uma referência acerca do local em que artigo foi escrito, registrando a todos os leitores o provável endereço de sua residência e o local onde eram realizados os cultos da congregação Adventista, assim ele assina o artigo: Zacharias Martins, Rua do Hospital 71 Maceió-Al.

Pesquisando entre mapas antigos(ver em anexo) da cidade de Maceió encontramos a referência acerca desta rua: trata-se de uma importante via da antiga cidade, que ligava a Santa Casa de Misericórdia ao Teatro Deodoro, localizada no centro da cidade, sendo

posteriormente batizada de Rua Barão de Maceió. Ela passou por um processo de reordenamento urbano, o que nos impede de precisar com exatidão onde ficaria a casa do Sr. Zacharias Martins. É preciso salientar que ao descrever este local, ele fala dele como sendo um salão grande e amplo com inúmeras cadeiras, o qual acomodava facilmente todo o grupo.

Ao levarmos em conta que no início de século, a jovem capital do estado de Alagoas despontava como uma das cidades mais importantes do estado, analisaremos seu desenvolvimento social, político e econômico, descrevendo a Maceió do século XX, que recebeu o pioneiro grupo adventista de Alagoas.

3.6 Maceió: análise histórica a partir da implantação do Movimento Adventista em Alagoas.

Para podermos compreender o quadro social e econômico dos membros que formaram o primeiro grupo de fiéis Adventistas de Alagoas, é preciso analisar um aspecto muito importante acerca de formação histórica da cidade de Maceió. Nestes parágrafos analisaremos desde a origem do município maceionense.

O núcleo urbano que deu origem a atual cidade de Maceió remonta-se à primeira construção desta localidade, tendo por trás desta origem grande discussão, pois segundo autores, a cidade surgiu de um pequeno engenho de açúcar localizado na região central. Já para outros historiadores, a povoação da região é um pouco mais antiga, datando do ano de 1609, quando o Sr. Manoel Antônio Duro recebeu uma sesmaria, na Pajuçara, fixando residência.

É fato que a vila de Maceió se desenvolveu a partir de três núcleos de povoamento, sendo o primeiro deles a região do antigo engenho Massayó, onde hoje fica a Praça D. Pedro II, região central da cidade. O segundo ponto de povoamento tem como origem o atual bairro de Jaraguá por seu porto natural ter permitido o surgimento das primeiras moradias, que viam no porto importante mecanismo comercial de dispersão de produtos, tais como madeira, hortaliças e gêneros úberes. Essa tese é defendida pelo ilustre historiador Moacyr Santana no livro História do Modernismo em Alagoas (1980). E por fim, destacamos o desenvolvimento urbano da vila de Maceió a partir do alto do Jacutinga, hoje bairro do Farol.

O desenvolvimento desse novo núcleo urbano permitiu uma mudança no rumo da organização política e social da província das Alagoas que até meados do século XIX contava com poucas vilas e cidades, sendo as mais proeminentes Santa Maria Madalena, Alagoas do Sul (então capital da província, sede da câmara); ao norte da comarca a vila de Porto Calvo

(importante centro produtor de açúcar); ao sul, na desembocadura do Rio São Francisco, estabelecida de forma estratégica a Vila de Penedo.

Maceió é, então, o ponto nevrálgico na organização política alagoana. A nova Vila contava com um porto natural, o de Jaraguá, que atendia de melhor forma os interesses econômicos da Coroa. Sua localização na região central da Província Alagoana facilitaria a comunicação com as demais localidades do estado.

Maceió tornou-se a principal cidade de Alagoas em meados do século XIX, desbancando a antiga capital Santa Maria Madalena do Sul, em 1839. Sua formação inicial primeiro se deu em volta da lagoa Mundaú, importante estuário marinho de Alagoas, sendo o que hoje chamamos de parte baixa da cidade, os primeiros núcleos de povoação.

Uma elite começou a se formar na cidade, primeiro de comerciantes que viviam em função do porto, e depois política com a elevação da vila à condição de capital. Essa elite foi responsável pelo rápido desenvolvimento econômico e pela explosão demográfica que a cidade viveria durante os séculos XIX e XX. Muitas pessoas eram atraídas à cidade de Maceió, quer sejam pelas oportunidades econômicas ou pelas ofertas de terras.

Com a Proclamação da República em 1889, um ano após a liberdade da escravidão no Brasil, em nada melhorou a situação dos menos favorecidos, que desde os tempos do Império não faziam parte do projeto das elites alagoanas. Viviam às margens de uma sociedade que se espelhava nas modernas tendências culturais e sociais exportadas dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Essa população marginalizada sobrevivia da coleta de peixes e do sururu, um molusco lacustre, típico da região. Vendia arroz doce, tapiocas e peixes fritos nas ruas e esquinas de cidade, trabalho efetuado por negras com vistosos trajes e turbantes. Os negros agora libertos, lutavam pela difícil sobrevivência. Engraxavam sapatos e ofereciam seus préstimos em todos os lugares para assegurar o ganha-pão de suas famílias. Esses ex-escravos agora ingressavam em uma nova sociedade, e buscavam por meio do trabalho ter o reconhecimento da cidadania, bem como de pertencimento desta sociedade. É fato que além da busca pela sobrevivência, a aceitação no meio social estava presente neste grupo que emergia nesse cenário histórico, O historiador Felix Lima Junior, em sua célebre obra Maceió de Outrora, relata a árdua vida do pescador de sururu da Laguna Mundaú.

O tirador de sururu,coitado! mora, quase sempre num casebre perto da margem da lagoa. Não pode infelizmente, defender-se melhor, como fazem alguns proprietários de sítios as margens do formoso lago, dos fundos da antiga empresa de luz elétrica de Bebedouro e Fernão Velho. Acorda de madrugada, e sai imediatamente, às vezes com a vela e mastro da canoa, enquanto o filho ou um companheiro conduz o cesto com quatro forquilhas de cinco ganhos e um ou duas latas vazias de querosene (LIMA JUNIOR, 2014, p. 40).

Mergulhou na água salgada e morna da Lagoa Mundaú. Pouco depois retornou, trazendo nas mãos certa quantidade de sururu, em meio uma lama preta e fedorenta, jogou tudo no fundo da canoa. De seus braços pingava lama. Descansou um instante e deu um novo mergulho. Mais outro. Deu uma centena ou mais de mergulho e só terminou quando a “flor das Ondas” estava quase cheia de sururu com casca ou capote. A canoa foi então levada para a margem, procurando o tirador um local conveniente, não muito fundo, raso, para lavar o molusco comestível (LIMA JUNIOR, 2014, p. 41).

O molusco servia de sustento para boa parte da população carente e menos abastada da cidade, por vezes vendido em um carrinho de madeira em latas de metal, garantindo a sobrevivência de muitos maceioenses, em Bebedouro e Fernão Velho. Sacos e sacos são embarcados do molusco no trem, rumo a Rio Largo, Atalaia, Capela, Viçosa, Quebrangulo e Palmeira dos Índios para serem negociados nas feiras. No caminho para Recife, aportavam nos municípios de Murici, União dos Palmares, Feira Grande e São José da Laje.

O final do século XIX e início do XX foi marcado por um período de sérias instabilidades políticas, com muitas disputas entre as elites que administravam a cidade e, conseqüentemente, o estado de Alagoas.

O surgimento da Igreja Adventista em Alagoas se dá sob a égide do governador Euclides Malta, importante político alagoano, que governou o estado por três mandatos, sendo eleito pela primeira vez em 1900 e findando-se em 1912, razão pela qual este período entrou nas páginas da história alagoana como Era Maltina. Formado em direito no Recife, ele vinha de uma importante oligarquia política do sertão alagoano. O governador foi responsável pela modernização da capital, seguindo uma tendência nacional de aculturação das cidades aos padrões republicanos franceses. Malta trouxe para o estado inúmeros prédios, ruas, avenidas, instituições e um jeito de viver que fora marcado pela elite local, na qual as famílias maceioenses seguiam os padrões das mulheres de Paris, desde o modo de vestir, falar, andar e comer. Tudo o que Paris fazia era replicado nas principais cidades brasileiras, por seus viajantes, e com Maceió não era diferente.

A Era Maltina tem fim em 1912, e com ela há o registro de um dos fatos mais marcantes da história política da primeira metade do século XX: **Quebra de Xangó** de 1912. Episódio no qual centenas de terreiros de culto afro-brasileiro foram destruídos, bem como objetos sagrados, e pessoas que eram adeptos da religião foram presos, espancados e alguns até mortos. Nesse interim destacamos a forte influência da religião cristã católica, que produziu uma elite, que não tolerava nenhuma forma de religião que não fosse a sua. Esse episódio de 1912 passa para a sociedade alagoana e mais precisamente a maceioense, a intolerância religiosa, demonstra a força do catolicismo entre a população. Diante dessa

conturbada época em que surgiu a **Igreja Adventista**, é preciso salientar que este não é o primeiro núcleo religioso protestante em Maceió.

Em 1885, nós temos a chegada da primeira Igreja Batista em Maceió, e alguns meses antes, a publicação do primeiro jornal protestante em Alagoas: “O Evangelista”, tendo sua primeira edição no dia 02 de maio de 1885, com redação na Rua Comércio, 145.

Os primeiros cultos protestantes em Alagoas foram realizados na Rua Boa Vista 103 pela Igreja Batista, fato alvissareiro para a história do protestantismo em Maceió; aliás, esse fato tem a ver com a ordenação do primeiro pastor batista brasileiro, o ex-padre alagoano Antonio Teixeira de Albuquerque. Ele nasceu em Maceió no dia 15 de abril de 1840. Ingressou no Seminário Católico de Olinda, em Pernambuco, após concluir seus estudos em sua terra natal, tornando-se pároco de Limoeiro de Anadia. Em 1872 ele conhece Francisca de Jesus, uma jovem adolescente de 17 anos, filha de uma importante e tradicional família da cidade, apaixonando-se por ela, e sem o apoio dos pais da moça, eles resolvem fugir e casar, abandonando o sacerdócio ele vai para cidade do Recife, ingressando na Igreja Presbiteriana. Depois de um tempo morando na capital pernambucana, muda-se para o Rio de Janeiro, e de lá para São Paulo, onde converte-se à Igreja Batista, recebendo da mesma a credencial Ministerial, serviu como Pastor em São Paulo, Bahia e depois Alagoas, onde fundou a primeira igreja, servindo a esta por poucos anos, o agora Pr. Antônio Texeira de Albuquerque falecendo no ano de 1944.

Há por partes dos Missionários Adventistas que vieram servir em Alagoas o registro de algumas características encontradas na sociedade local, primeiro da pobreza pela qual passavam os fiéis da Igreja. Segundo os registros da Revista Adventista (1910), dos quais muito me aguçam a curiosidade, são os que tratam acerca da religiosidade dos maceioenses, pelo menos dois grupos são citados que são os Católicos e em seguida os Batistas, o que nos leva a crer na forte presença deste segundo grupo, quer seja pela proximidade geográfica de ambas igrejas, pois todas elas se encontravam no centro da cidade, quer pela proximidade doutrinária, pois como vimos no capítulo 1 deste trabalho ambas as igrejas fazem parte do mesmo ramo de classificação dentro do cristianismo e com muitas de suas crenças sendo comuns a ambos os grupos.

Podemos destacar que a IASD torna-se muito provavelmente o segundo grupo protestante a se estabelecer na capital, uma capital composta quase que exclusivamente por católicos, fiéis de religiões afros e pouco evangélicos, a saber os Batistas e Adventistas; isso faz com que esses grupos menores sofram com a intolerância e o preconceito religioso; percebemos que a sociedade maceionense do início do século XX seria marcada por forte atos

de oposição religiosa, sendo todos os que não seguissem o credo da maioria, perseguidos, punidos, como no caso dos Umbandistas, ou ainda excluídos de forma preconceituosa.

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo permitiu analisar o processo de chegada do Adventismo em Alagoas, discutindo de forma direta com as fontes – no nosso caso foi a análise da Revista Adventista e do Boletim Sul-americano – importantes informativos sobre o trabalho e expansão da IASD na América do Sul, e, em especial no Brasil. Esta análise permitiu-nos compreender todo o início da chegada dos primeiros membros, como o irmão Costa e sua esposa e a dos primeiros ministros adventistas no estado de Alagoas, a saber o pastor Frank Weber Spies. Em uma reflexão acerca das dificuldades enfrentadas por esses pioneiros avaliamos a expansão e a propagação da mensagem adventista entre os alagoanos, em especial os maceioenses.

Os adventistas surgiram nos Estados Unidos com um pequeno grupo de remanescentes do Millerismo, um movimento religioso com forte influência proselitista. A Igreja desenvolveu uma grande expansão missionária, alcançando a Europa, Oceania, Ásia e América do Sul. Neste último continente a chegada do primeiro pastor em 1894 deu início ao crescimento da igreja nesta parte do globo terrestre. Essa expansão em território brasileiro representava um grande desafio, quer seja pelas barreiras culturais da língua, crenças e forma de pensamento, quer pela sua imensidão geográfica. Alagoas foi de fato um marco para o avanço da obra adventista no país, um estado marcado pela intolerância religiosa, com sérias dificuldades econômicas, recém-emancipado e com uma autonomia política em construção. Os adventistas enfrentaram inúmeras querelas com Católicos e Batistas e com a carência social dos seus membros; mas, a despeito dessas dificuldades, eles encontraram espaço para divulgar sua doutrina com a instalação de sua primeira congregação na região central da cidade em 1908.

Sobre a expansão adventista na América do Sul tomamos como referencial teórico o trabalho desenvolvido por alguns pesquisadores da Igreja Adventista, principalmente o excelente trabalho desenvolvido pelo historiador americano Floyd Greenleaf, que dedicou grande parte da sua vida à pesquisa e documentação da história adventista, com trabalhos traduzidos para o português e espanhol. Valemo-nos na nossa pesquisa da revisão bibliográfica do livro *Terra de Esperança* publicado em 2011 pela Casa Publicadora Brasileira. Quanto à compreensão da chegada do adventismo no Brasil, tivemos como fonte o trabalho do jornalista e teólogo Michelson Borges, o livro *A Chegada do Adventismo no Brasil*, publicado em 2005; além deste, podemos também citar o trabalho da pesquisadora Haller Elinar Stach Schunemann que descreve como o adventismo encontrou amplo espaço

entre os imigrantes alemães, que viviam na região sul do Brasil, e como eles foram importantes na implantação das primeiras congregações brasileiras.

Há ainda que citar o artigo publicado em meio eletrônico intitulado *Formação Histórica do Movimento Adventista*, autoria de José Jeremias de Oliveira Filho que descortina desde a origem dos adventistas, suas crenças fundamentais até ao processo de construção histórica sofrido pelo movimento ao longo de mais de 160 anos de existência. Este autor deu as bases teóricas e metodológicas para o desenvolvimento e aprimoramento do trabalho, assim como a apresentação dos recursos de análise que utilizamos em nossos estudos. Os citados Boletim Sul-americano e a Revista Adventista contam com artigos originais escritos pelos primeiros pastores em solo alagoano.

Sobre a história alagoana tivemos acesso ao trabalho do historiador Eric Nilson da Costa Oliveira, uma análise sobre a Maceió dos séculos XVIII e XIX, uma importante obra acerca das características sociais, culturais e políticas, na qual obtivemos informações da sociedade maceioense, importantes para compreendermos a relação entre o meio e a igreja, bem como para traçarmos um perfil social dos seus membros. Diante da importância do tema, fica evidenciada a necessidade de um aprofundamento do estudo sobre os anos seguintes da organização da IASD, em Alagoas, para compreendermos o crescimento da igreja durante o século XX, o que a tornou um dos maiores grupos religiosos no estado, com presença em 98% das cidades alagoanas e contando com mais de 20 mil membros. Mesmo salientando a escassez de pesquisas e trabalhos sobre o tema, podemos agora contar com um trabalho que deixa documentado o processo de implantação do adventismo em Alagoas.

REFERÊNCIAS

A. KENNETH CURTIS, J. S. L. R. P. **Os 100 Acontecimentos Mais Importantes da História do Cristianismo**. 1ª. ed. São Paulo SP : Vida , 1991.

ADVENTISTAS. **Adventistas.org**, 2018. Disponível em:
<<https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/historia-da-igreja-adventista/>>. Acesso em: 07 maio 2018.

ALENCAR, L. **1844**. 1ª. ed. Maceió AL : Quatro Perolas , 2012.

ALTAVILA, J. D. **História da Civilização das Alagoas**. 5ª. ed. Maceió : [s.n.], 1967.

AMORIM, E. Origens do protestantismo em Pão de Açúcar. **História de Alagoas**, Maceió, 08 outubro 2015. Acesso em: 16 setembro 2018.

BARROS, F. R. A. D. **A B C das Alagoas**. 3ª. ed. Brasília DF : SENADO FEDERAL , 2007.

BORGES, M. **A Chegada do Adventismo ao Brasil**. 1ª. ed. Tatuí : Casa Publicadora Brasileira , 2005.

BRANDÃO, M. **O Centenário de Emancipação Política das Alagoas 1917**. Maceió : Casa Ramalho, 1917.

CARVALHO, C. P. **A Formação Histórica de Alagoas**. 4ª. ed. Maceió : Edufal, 2016.

CAVALCANTI, V. Nome de Ruas. **História de Alagoas** , Maceió, 2017. Disponível em:
<<https://www.historiadealagoas.com.br/nomes-de-ruas.html>>. Acesso em: 16 setembro 2018.

COLINS, N. J. **RETRATO DOS PIONEIROS: DETELHES INSPIRADORES DA VIDA DOS PRIMEIROS ADVENTISTAS**. Tradução de César Luís Pagani. 1ª. ed. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, v. 2, 2011.

COSTA, C. **História de Alagoas**. São Paulo: Cia do Melhoramento , 1928.

DICK, E. **Fundadores da Mensagem**. Tradução de Renato A. Bivar. 5ª. ed. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

OLIVEIRA FILHO, J. J. D. Dossie Religiões no Brasil, Formação histórica do Movimento Adventista. **Estudos Avançados**, São Paulo SP, 18, n. HISTÓRIA DAS RELIGIÕES , DEZEMBRO 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300012>. Acesso em: 01 JULHO 2018.

GREENLEAF, F. **Terra de Esperança**. Tatuí-SP: CPB, 2011.

HÖSCHELLE, S. On the Ecumenical and Separating Potential of Revivals: A Case Study of the Millerite Movement. In: Mission und Einheit: Gemeinsames Zeugnis getrennter Kirchen? – Mission and Unity: Common Witness of Separated Churches? **Leipzig Evangelische Verlagsanstalt**, n. História do Adventismo, 2012. 337-355. Disponível em:<. Acesso em: 08 maio 2018.

JOHN LIPKE. History of the Mission. **TheGeneral Conference Bulletin**, TAKOMA PARK STATION, WASHINGTON, D, C., 07, 01 junho 1913. 216. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Periodicals/GCSessionBulletins/GCB1913-14.pdf>>. Acesso em: 29 junho 2018.

LIMA JÚNIOR, F. **Maceió de Outrora**. Maceió : Imprensa Oficial Graciliano Ramos , v. 1, 2014.

OLIVEIRA, E. D. **A Mão de Deus ao Leme**. 1º. ed. Santo André SP: Casa Publicadora Brasileira , 1985.

OLIVEIRA, E. N. D. C. MACEIÓ: UMA CIDADE SENTECENTISTA E OITOCENTISTA, Maceió, n. História de Alagoas , 2018. 67.

RIOS, O. **Alagoas Poder e Sangue**. Maceió : CBA, 2017.

RODRIGUES, Z. M. Maceió (Estado de Alagoas). **Revista Mensal** , Maceió-AL , abril 1915. 07.

SANTOS, L. D. A. O Paraíso e o Capitel:Representações do Protestantismo no Brasil Republicano (1910-1920). **REVER PUC-SP**, São Paulo, 2003. 61-79. Disponível em: <<file:///C:/Users/eduardo.pedro/Downloads/protestantismo%20no%20brasil%20republicano.pdf>>. Acesso em: 21 junho 2018.

SCHUNEMANN, H. E. S. A inserção do Adventismo no Brasil através da Comunidade Alemã. **REVER PUC-SP**, São Paulo, 2003. 27-40. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_schune.pdf>. Acesso em: 14 Junho 2018.

SOUZA, F. D. S. D. A LAICIDADE BRASILEIRA E A GUARDA DO SÁBADO PELOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, Juíz de Fora MG, n. Direito Civil , 2013. 159. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1030/1/flaviodasilvadesouza.pdf>>. Acesso em: 22 junho 2018.

SPIES, F. W. Outposts Moving Northward in. **Review and Herald**, Takonta Park Station, Washington. D., 86, 14 janeiro 1909. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH19090114-V86-02.pdf>>. Acesso em: 17 julho 2018.

TERRA, REDAÇÃO. Blumenau registra 64 enchentes desde 1852. **Terra.com**, 07 dezembro 2008. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,OI3357799-EI8139,00-Blumenau+registra+enchentes+desde.html>>. Acesso em: 21 junho 2018.

TIMM, A. Centro Nacional da Memória Adventista. **Memória Adventista**, 2005. Disponível em: <<http://www.unasp-ec.com/memoriadventista/index.htm>>. Acesso em: 18 setembro 2018.

TORORÓ, I. A. D. Mundo Adventista. **Mundo Adventista Blogspot**, 2010. Disponível em: <<http://mundoadventista.blogspot.com/2010/04/adventismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 17 setembro 2018.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariane de Macedo. 6ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXO

Anexo – Lista de imagens*Figura 1*

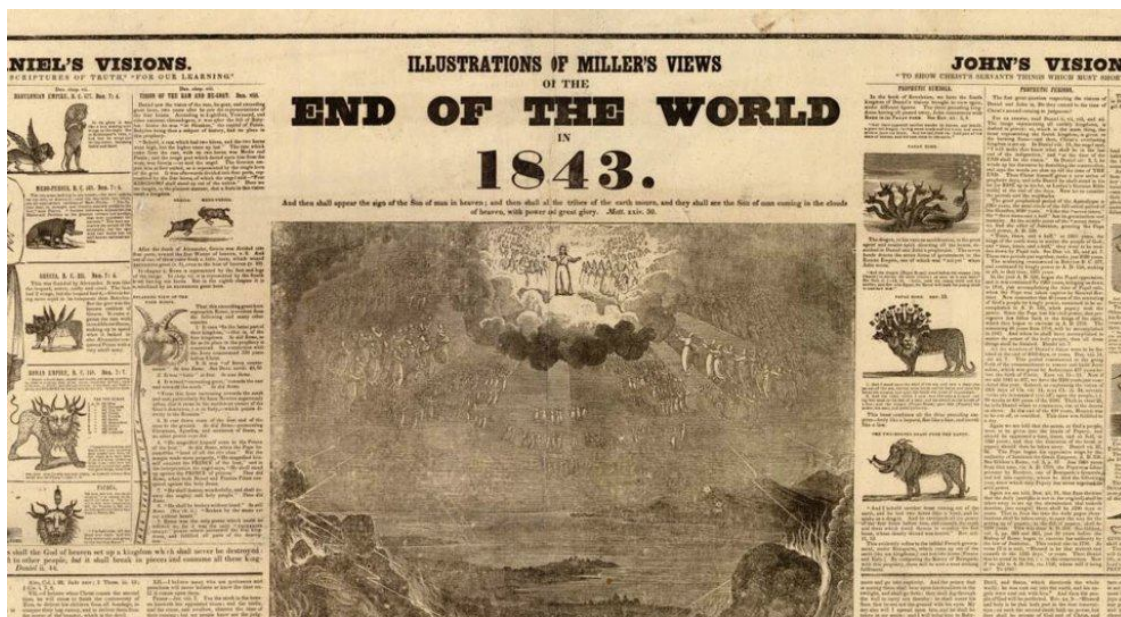
Igreja Adventista do Sétimo Dia®

Fonte: <https://seeklogo.com/vector-logo/1>

Figura 2 Guilherme Miller, fundador do Movimento Milerita

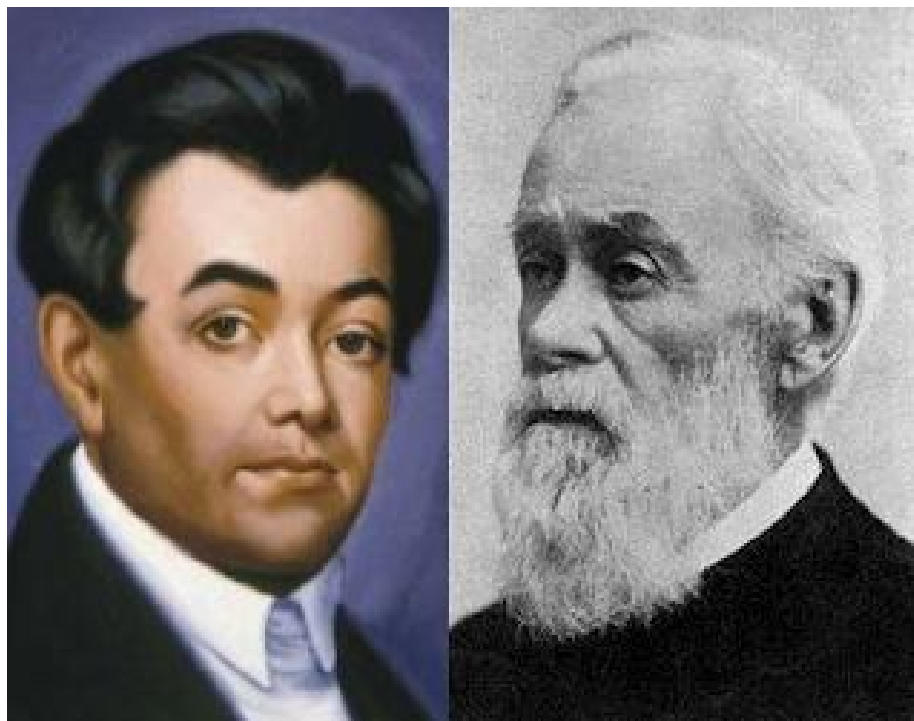
Fonte: <http://www.centrowhite.org.br/dow> 1

Figura 3 Um panfleto explicando as visões mileritas do fim do mundo.



Fonte: <https://www.wgbh.org/news/post/ma> 1

Figura 4 Joshua V. Himes



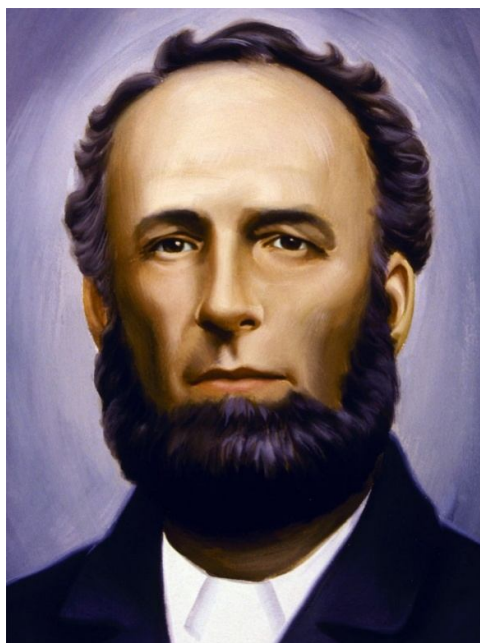
Fonte: <http://fundadores-da-verdade.blog> 1

Figura 5 Carlos Fitch



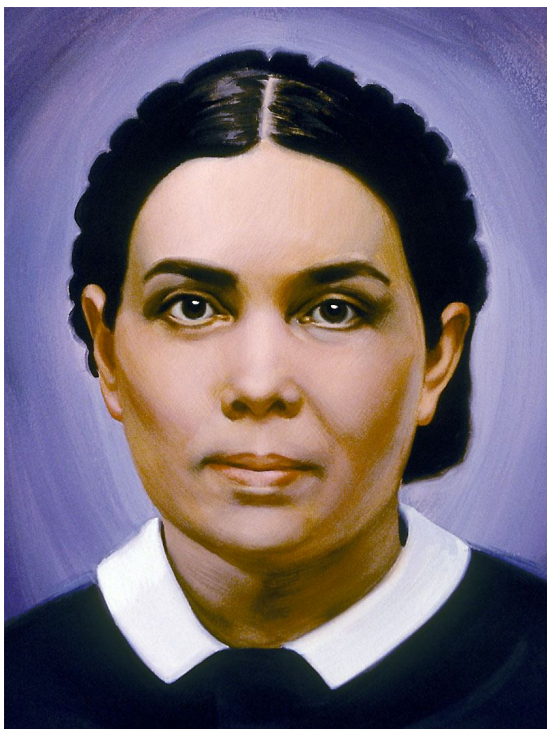
Fonte: <http://www.adventismo.criacionism 1>

Figura 6 Tiago White



Fonte: <http://www.centrowhite.org.br/dow 2>

Figura 7 Ellen White



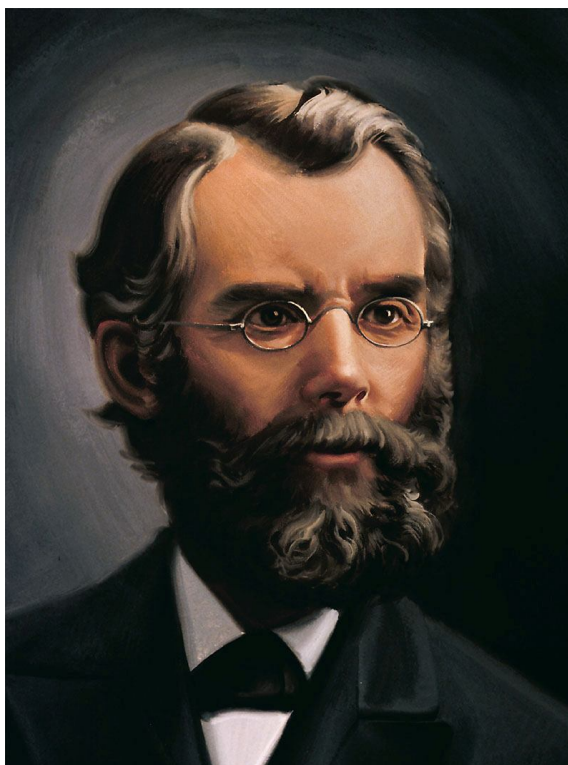
Fonte: <https://www.maisrelevante.com.br/> 1

Figura 8 Joseph Bates



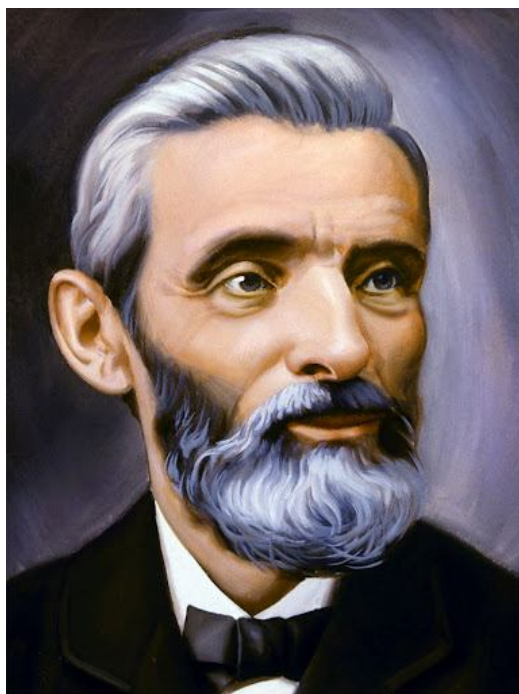
Fonte: <http://www.centrowhite.org.br/dow 3>

Figura 9 J. N. Andrews



Fonte: <http://www.centrowhite.org.br/dow 4>

Figura 10 J. N. Loughborough



Fonte: <http://www.spirit-of-prophecy-1841>

Figura 11 Ilustração do Santuário Terrestre do Povo Hebreu



Fonte: <http://www.lecciondeescuelasabati1>

Figura 12 1º Templo Adventista na América do Sul. 9 de setembro de 1894 – Entre Ríos, ARGENTINA Frank H. Westphal



Fonte: <https://www.adventistas.org/pt/in 1>

Igreja de Gaspar Alto, SC, ocasião da Segunda Conferência do Estado, por volta de 1906

Figura 13 1ª Igreja Adventista no Brasil, Igreja de Gaspar Alto, SC, ocasião da Segunda Conferência do Estado, por volta de 1906



Fonte: <http://www.adventistas.org/pt/ins 1>

Figura 14 Frank Henry Westphal e sua família



Fonte: <http://www.adventistas.org/pt/ins 2>

Figura 15 Vila de Brusque SC início do séc. XX



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot.1>

Figura 16 Porto de Itajaí, Santa Catarina: portão de entrada da mensagem adventista no Brasil.



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot.2>

Figura 17 Casa comercial onde foi aberto o primeiro pacote de literatura adventista no Brasil, em 1884



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot.c 1>

Figura 18 Guilherme e Johanna Belz: primeiros guardadores do sábado adventistas no Brasil



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot. 3>

Figura 19 Francisco Belz e família. A doença e a cura de Gerthrud fizeram-nos abraçar a mensagem (em pé, à esquerda, Rodolpho Belz)



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot.4>

Figura 20 Em maio de 1893, por designação da Associação Geral, o colporteur (vendedor de literatura religiosa) Albert B. Stauffer chegou ao Brasil. Segundo E. H. Meyers,[5] Stauffer entrou pela região Sul do país, depois de ter trabalhado por dois anos no Uruguai



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot.5>

Figura 21 Em agosto de 1894, chegou ao Brasil outro missionário adventista: Willian Henry Thurston. Thurston, acompanhado da esposa Florence, veio dos Estados Unidos com a missão de estabelecer um entreposto de livros denominacionais no Rio de Janeiro, para atender para atender aos colportores no Brasil. Thurston trouxe duas grandes caixas de livros e revistas impressos em inglês, alemão e pouca coisa em espanhol. Na época, não havia nada publicado em português.



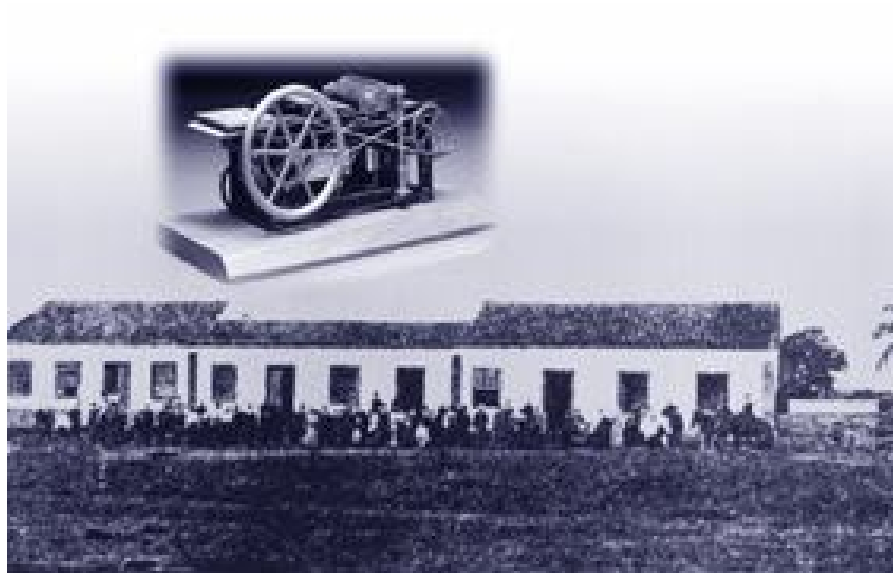
Fonte: <http://mundoadventista.blogspot.6>

Figura 22 Frederick Weber Spies foi um dos principais dirigentes da Igreja Adventista durante suas três primeiras décadas no Brasil, Primeiro Pastor da denominação a vir a Alagoas, Responsável pelos primeiros batismos no Estado.



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot.7>

Figura 23 Editora adventista em Taquari e a réplica do primeiro prelo, doado pelo Emmanuel Missionary College



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot>. 8

Figura 24 Escola Internacional de Curitiba, 1896. Em 15 de outubro de 1897, foi fundada a primeira Escola Missionária no Brasil, em Gaspar Alto, sob a direção do professor Guilherme Stein Jr., substituído em 1900 por John Lipke, a convite dos pastores Spies e Thurston.



Fonte: <http://mundoadventista.blogspot>. 9

Figura 25 Rua Barão de Maceió, antiga Rua do Hospital, Local onde funcionou o 1º Templo Adventista em Alagoas em 1908



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com> 1

Figura 26 Mapa de Maceió, Traços Meus Indicando onde seria a Rua do Hospital, endereço da Primeira Igreja Adventista em Alagoas



Fonte: Oliveira 2018 1

Figura 27 Governador Euclides Malta e Sua Esposa Maria Gomes Ribeiro



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com> 2

Figura 28 Governador Fernandes Lima



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fer> 1

Figura 29 Matéria do Jornal de Alagoas, em fevereiro de 1912, acusando Euclides Malta de bruxaria



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com> 3

Figura 30 Capacete Adé utilizado em culto afro salvo do Quebra de 1912. Coleção Perseverança do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com> 4